PAULUS

vida pastoral

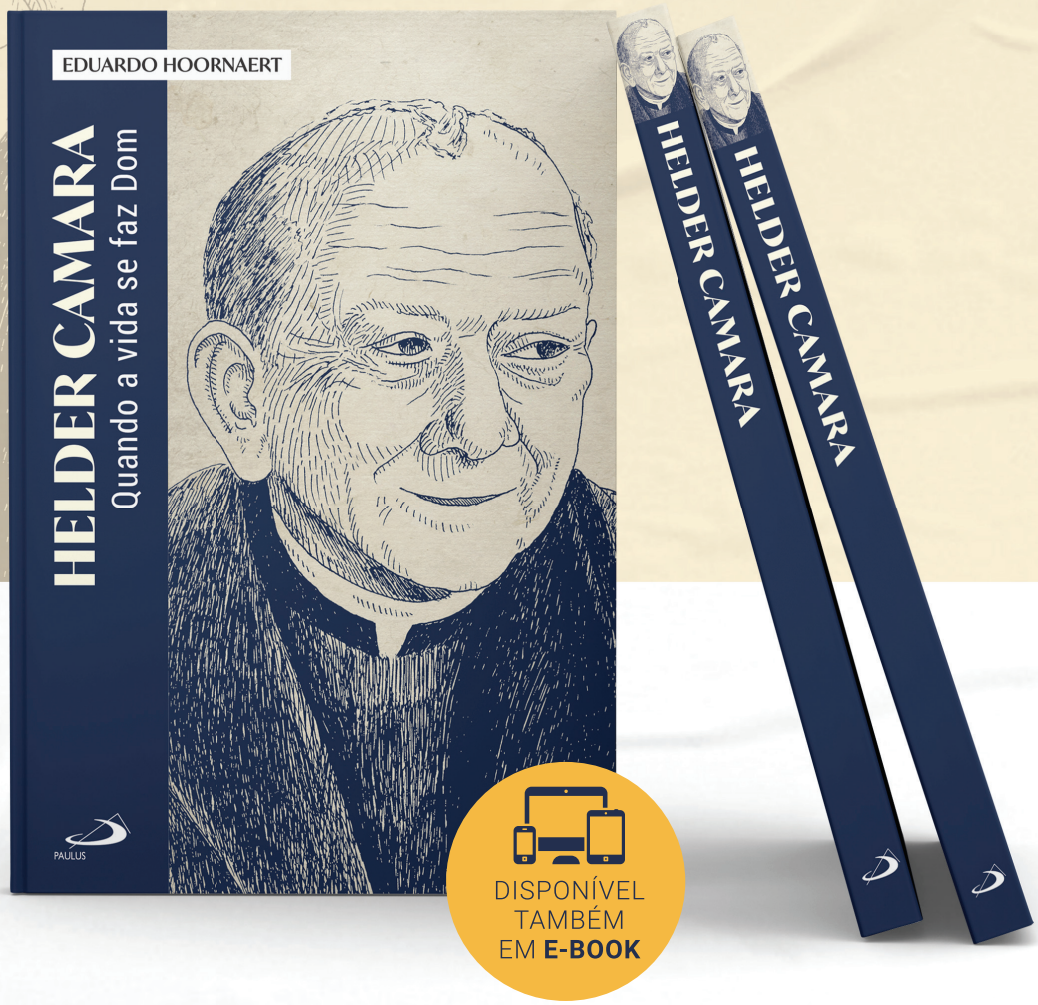
maio-junho de 2022 – ano 63 – número 345

ISSN 0507-7184

FALAR DE DEUS

EM TEMPOS DE SOFRIMENTO

UMA BIOGRAFIA DE HELDER CAMARA.



Esta obra é um ensaio que não oculta a face do Helder que aprendeu, ao longo da vida, como viver a sua vocação e quem era o Cristo pobre por quem ele havia decidido viver.

TESTEMUNHO DE DOAÇÃO, FÉ E COMPROMISSO COM O EVANGELHO.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

PAULUS

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Sofrer é um verbo que toda a humanidade sabe conjugar. Não somente a humanidade, mas também a criação inteira: "Sabemos que, até hoje, toda a criação geme e padece, como em dores de parto" (Rm 8,22).

Quando nascemos, nossa primeira reação é o choro. Gritamos pela estranheza da luminosidade, que certamente dói em nossos olhos e em nosso corpo todo, em contraste com o conforto outrora experimentado no ventre de nossa mãe. Ao chegarmos a este mundo, aos poucos vamos nos adaptando à temperatura, aos ruídos, aos cheiros, aos sabores. Por vezes, para driblar as dificuldades de adaptação, fazemos caretas, caras e bocas, e, com o tempo, aprendemos a sorrir.

Não bastasse o sofrimento como condição, há também o sofrimento imposto. Desde quando implodiu a pandemia do novo coronavírus, no início de 2020, o sofrimento tem sido a manchete do dia. Mas o sofrimento imposto aos pobres e vulneráveis vem de longa data. A pandemia se encarregou de escancarar a dor, os olhares tristes e os rostos desfigurados de tantos irmãos, jogados nas praças e calçadas de nossas cidades, e nos rincões e sertões esquecidos do Brasil oficial.

O Brasil ficou mais pobre nos últimos dez anos e, com a pandemia, esse empobrecimento se intensificou. Metade da população brasileira hoje está nas classes C e D. É grande também a multidão que vive na indigência. Escandalosamente, a concentração de riqueza aumentou nas mãos de poucos. Os que já eram ricos ficaram ainda mais ricos. Enquanto nos semáforos há gente se humilhando por uma ajuda para não morrer de fome, na TV e nas mídias sociais digitais há quem ostente tênis caríssimos e apresentadores de entretenimento com relógios no pulso que custam mais de 1 milhão de reais. Além disso, é bom recordarmos que, nos momentos mais tensos e sofridos da pandemia, agravados por enchentes e alagamentos, multidões de pobres se humilhavam em filas para conseguir uma carcaça de frango ou um pedaço de osso. Enquanto isso, houve quem ostentasse picanha, camarão, passeio de lancha, motociata e outras insensibilidades...

Os articulistas desta edição de *Vida Pastoral* lançam luz sobre o desafio de falar de Deus em meio a essa realidade de sofrimento, contrapondo-se a um mundo de ostentação. Temos a alegria de uma conversa com Pe. Júlio Lancellotti, que há anos acompanha os pobres e sofredores da cidade de São Paulo e convive com eles, especialmente com os irmãos em situação de rua. Dom Vicente Ferreira – um bispo com os pés enlameados pelos dejetos de minérios, despejados no meio ambiente por aqueles que só veem cifras e sufocam até a morte mulheres, homens, crianças e a natureza – chama a atenção para a questão do sofrimento como território sagrado que exige solidariedade e discernimento, e aponta a vulnerabilidade socioambiental como a marca forte de nossa cultura. O exemplo mais triste dessa realidade de sofrimento foi o desabamento da barragem de Brumadinho-MG, em 2019. Pe. Eliseu Wisniewski, por sua vez, traz à tona a questão da aporofobia, o rechaço e o ódio aos pobres, tão presentes na estrutura excludente de nossas cidades. O artigo pontua causas e caminhos para sua superação. Por fim, a Profa. Simone Magaldi reflete sobre a possibilidade de um novo humanismo, considerando a pandemia como uma experiência humana aterradora.

Que nosso olhar esteja fixo em Jesus, o Divino Mestre, que nos ensina a compaixão, a empatia, e que todas as nossas atitudes estejam permeadas de ternura para aliviar o sofrimento de tantos irmãos e irmãs e iluminá-los com a luz da esperança – afinal, viver é complexo e maravilhosamente encantador, e não estamos neste mundo fadados ao sofrimento. Nosso distintivo é a esperança, enquanto aguardamos a vinda do Cristo, Salvador.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral

Ano 63 - Nº 345
maio-junho de 2022

PAULUS

© PAULUS – 2022
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Pe. Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Pe. Sílvio Ribas, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Pe. Sílvio Ribas, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti (artigos)
e iStock
(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre Soares Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

AMOR À MANEIRA DE DEUS 4
Júlio Lancellotti

O SOFRIMENTO: REFLEXÕES PASTORAIS 20
Vicente Ferreira

APOROFOBIA: ABORDAGEM
DE UM PROBLEMA SOCIAL 28
Eliseu Wisniewski

A PANDEMIA E UM NOVO HUMANISMO 36
Ercilia Simone D. Magaldi

ROTEIROS HOMILÉTICOS 44
Rita Maria Gomes

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
(11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB
Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES
Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR
Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho,134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL
Rua Barão de Alagoas, 32, Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75 - Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

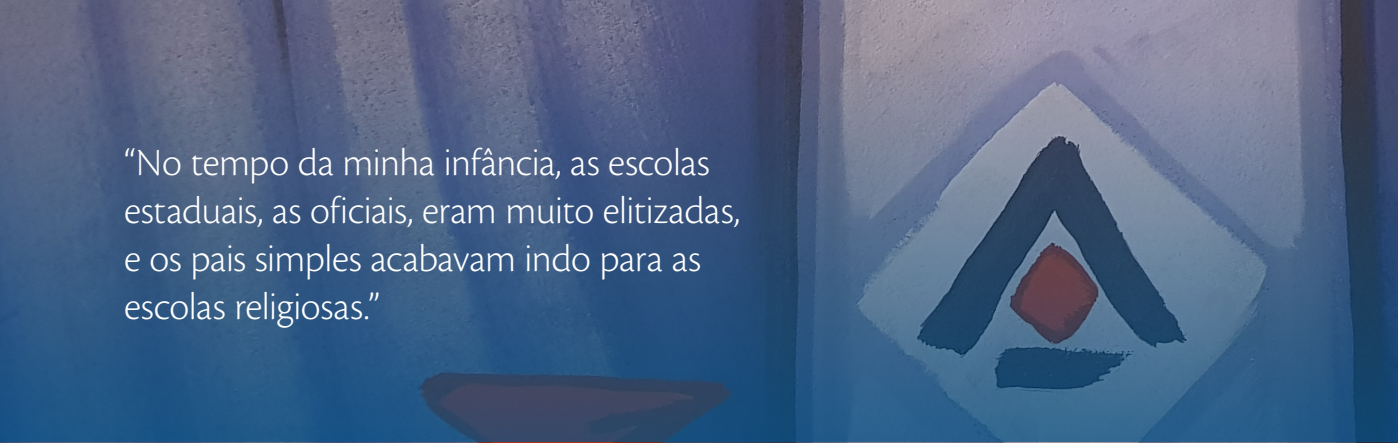
Júlio Lancellotti*

*Pe. Júlio Lancellotti nasceu em São Paulo em 1948 e foi ordenado sacerdote em 1985. Referência nacional na defesa dos direitos humanos, dedica-se há mais de 30 anos à população marginalizada. Participou da fundação da Pastoral da Criança e da formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e tem atuado fortemente junto a menores infratores, detentos em liberdade assistida, pessoas carentes e em situação de rua, além de imigrantes, sem-teto e refugiados; em suma, junto a todos aqueles que são marginalizados. Atualmente é vigário episcopal da pastoral do povo de rua da arquidiocese de São Paulo e, há mais de 25 anos, é pároco da paróquia São Miguel Arcanjo, no bairro da Mooca. Entre os diversos prêmios que recebeu, destacam-se dois: Prêmio Zilda Arns, em 2021, pela defesa e promoção dos direitos da pessoa idosa, oferecido pela Câmara dos Deputados, e o Prêmio dos Direitos Humanos, em 2007, promovido pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, na categoria "enfrentamento à pobreza".

Amor à maneira de Deus

Uma entrevista com Pe. Júlio Lancellotti

O artigo é fruto de uma live *realizada em 5 de outubro de 2021, mediada por Erica Augusto, colaboradora da Paulus, por ocasião do lançamento do livro* Amor à maneira de Deus, *de autoria de Júlio Lancellotti. O texto foi decupado por Felipe Borges, seminarista paulino, bacharel em Filosofia pela Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM).*



"No tempo da minha infância, as escolas estaduais, as oficiais, eram muito elitizadas, e os pais simples acabavam indo para as escolas religiosas."

Padre Júlio, para nós, da Editora PAULUS, é uma alegria recebê-lo.

Pe. Júlio Lancellotti: E também para mim é uma alegria. A PAULUS está no meu coração e faz parte da minha vida; aliás, faço muita propaganda de um livro da PAULUS que marca minha vida: *A loucura de Deus*, de Alberto Maggi, minha fonte permanente de consulta e reflexão.

Já conhecemos sua luta, seu trabalho, mas conte-nos um pouco quais são as recordações do seu tempo de infância.

Pe. Júlio: Sem dúvida, as recordações mais fortes são do meu núcleo familiar – a figura do meu pai, da minha mãe, dos meus irmãos – e de tudo que fui vivendo na infância. O que aconteceu é que a primeira escola à qual eu fui era uma escola religiosa. No tempo da minha infância, as escolas estaduais, as oficiais, eram muito elitizadas, e os pais simples acabavam indo para as escolas religiosas. Minha primeira escola foi o Educandário São José do Belém, das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, da Beata Bárbara Maix. Aí, foi muito marcante para mim a figura de minha primeira professora, bem como as primeiras vivências escolares. Depois fui para o Educandário das Irmãs Servas do Espírito Santo, no Tatuapé, e lá encontrei uma irmã que também marcou muito minha infância: era uma irmã que enxergava com muita dificuldade e se dedicava a cuidar dos alunos mais difíceis. Naquela época, eu era dessa turma, dos mais difíceis. E ela então me chamou. Imagine que me liguei tanto a essa irmã, que se chamava Inezita, que aprendi a responder à missa em latim em uma semana. Eu tinha um amigo com quem ia para a aula de manhã; antes, participávamos da missa conventual nas irmãs e depois tínhamos as aulas regulares. Eu voltava para casa, para almoçar, e depois retornava para a escola, a fim de fazer um reforço e ficar lá com a irmã Inezita. Ela cuidava de nós, e nós cuidávamos dela. Ela marcou muito minha vida.

E de onde surgiu o desejo e a inspiração para o sacerdócio? Dom Luciano teve um papel nesse processo?

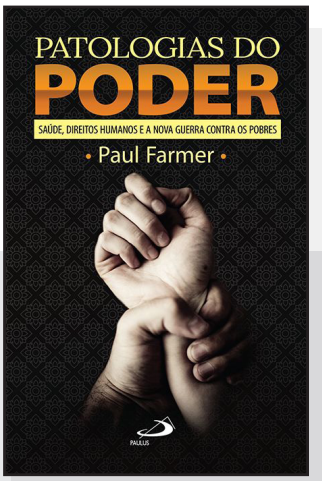
Pe. Júlio: Sim, dom Luciano teve um papel decisivo, porque entrei no seminário logo que terminei a quarta série. Fui para Araraquara, para o seminário dos Verbitas, ligado justamente às Servas do Espírito Santo. Araraquara era muito longe, a gente ia de trem para lá, levava muitas horas. Fiquei ali um tempo, era adolescente, senti muita falta do núcleo familiar, também a disciplina era bastante rígida; então não aguentei e acabei voltando para casa. Fiz, em seguida, o ginásio com os Padres Agostinianos e, quando terminei, fui para o ensino médio no seminário agostiniano, em Bragança Paulista, onde cheguei ao noviciado. Fiquei lá quatro anos, até que me disseram: "Você não serve para a vida religiosa; é imaturo, quer saber muito das coisas, então não serve" – e me mandaram embora. Meu pai, diante disso, falou: "Você foi para um e não quis ficar; no outro, foi mandado embora. Então agora você vai trabalhar". Lá em Bragança, fiz

um curso de atendente de enfermagem na Santa Casa e fiquei sabendo que onde fiz o curso e trabalhei com os doentes foi o lugar em que viveu Santa Paulina. Quando voltei, trabalhei por um bom tempo na área de enfermagem no Hospital São José de Belém, hoje Hospital Santa Virgem; depois, fui trabalhar no Serviço Social de Menores, a antiga Febem. No tempo em que já era Febem, não aguentei, porque era demais, eu via situações dramáticas. Era o tempo da ditadura militar, o governador de São Paulo era governador indireto, e eu saí para ficar com dom Luciano Mendes de Almeida. Isso devia ser por volta de 1978. Em 1980, quando São João Paulo II veio para o Brasil, dom Luciano, de certa forma, me pôs contra a parede. Foi interessante, porque tive com dom Luciano o seguinte diálogo na Cúria, onde estava a irmã Maria do Rosário Cintra, do primeiro grupo da Pastoral do Menor, já falecida, e a Ruth, também desse primeiro grupo e igualmente falecida (dos quatro, só eu estou aqui, porque faleceu dom Luciano, a Maria do Rosário e a Ruth); ele me disse: "O papa me fez uma pergunta". E eu: "É, dom Luciano? O que o papa lhe perguntou?" Ele continuou: "O papa me perguntou quando é que vou ordenar o Júlio padre". Eu comentei: "Imagine, dom Luciano, o papa nem sabe que existo, ele nunca iria perguntar isso". Então, ele falou: "Mas eu estou perguntando". Em 1981, comecei a Teologia. Já tinha formação em Pedagogia, havia cursado a faculdade durante quatro anos, já tinha trabalhado como professor – fui assistente do professor Carlos Alberto Peruzzi em três faculdades – e dom Luciano conhecia minha vida, meu trabalho junto à Pastoral do Menor. Então, em 1985, ele me ordenou padre, com a autorização e o apoio do cardeal Paulo Evaristo Arns. São, portanto, duas figuras que marcaram muito minha geração. Dom Paulo, o arcebispo de São Paulo, o cardeal Arns, figura importantíssima na defesa dos direitos

Patologias do poder:

Saúde, direitos humanos e a nova guerra contra os pobres

Paul Farmer



504 págs.

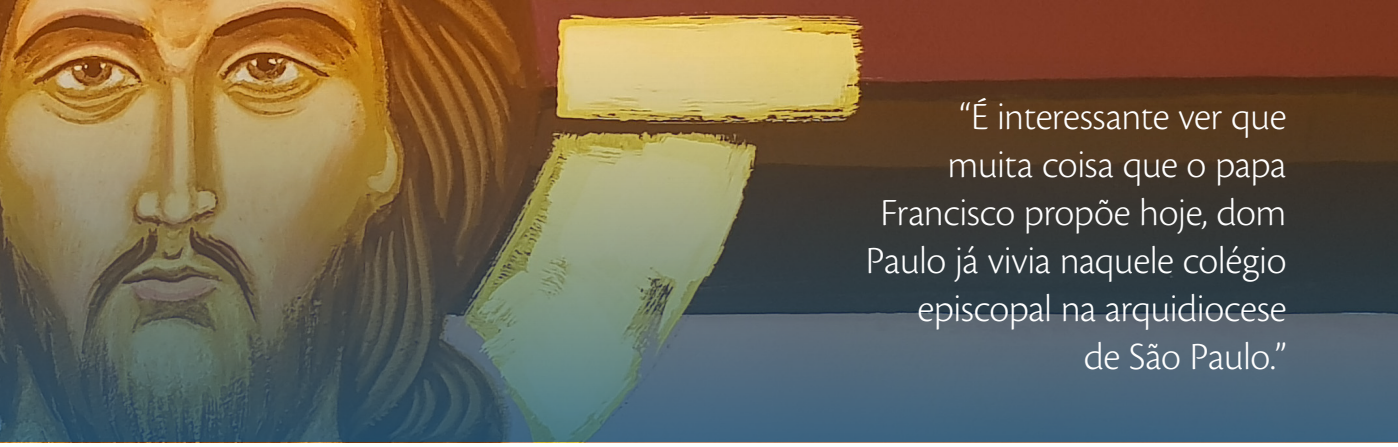
Imagens meramente ilustrativas.

Um médico antropólogo revela os caminhos nos quais o direito de sobreviver é atropelado em uma era de grande riqueza. Mostra que esse assunto deve ser considerado o mais urgente dos nossos tempos.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br



"É interessante ver que muita coisa que o papa Francisco propõe hoje, dom Paulo já vivia naquele colégio episcopal na arquidiocese de São Paulo."

humanos, dos direitos políticos, criador da Pastoral do Menor, do Vicariato do Povo de Rua, da Pastoral Carcerária, da Pastoral do Trabalho, da Pastoral da Saúde; todas essas ações pastorais voltadas para o mundo, para a Igreja em saída, nasceram do coração de dom Paulo Evaristo Arns. E para a Pastoral do Menor, ele designou dom Luciano Mendes de Almeida. Então, são figuras que marcaram muito minha vida nesse itinerário. Olhar para dom Paulo, olhar para dom Luciano e – o que foi muito importante – conviver com dom Luciano.

Que time tinha a arquidiocese de São Paulo naquela época!

Pe. Júlio: Dom Angélico Sândalo Bernardino, dom Celso Queiroz, dom Mauro Morelli eram bispos de muita luta. Temos ainda hoje a presença de dom Angélico Bernardino e de dom Fernando Penteado, já bastante idoso, dom Gaspar... Então vai somando, foi um time muito forte e muito sinodal. É interessante ver que muita coisa que o papa Francisco propõe hoje, dom Paulo já vivia naquele colégio episcopal na arquidiocese de São Paulo. Conviver com dom Paulo, com dom Luciano Mendes de Almeida, foi muito bom. Você sabe que fiz o depoimento para a beatificação de dom Luciano? Fui uma das testemunhas convocadas para fazer o depoimento, que levou quatro horas. Então, falar de dom Luciano não cabe nem num livro de mil páginas, devido a tantas coisas para falar da convivência diária com ele, de tudo aquilo que ele viveu. Foi muito marcante. Lembro bastante o dia em que ele atravessou a rua comigo aqui no [bairro do] Belém e comentou: "Você vai ser ordenado padre e sua vida não vai mudar muito. Vai continuar fazendo tudo aquilo que já faz". Outra coisa curiosa: no dia em que fui falar com ele para marcar minha ordenação, ele pegou a agenda e me pediu: "Venha à minha casa, no dia 1º de janeiro, às 7 da manhã". Às 6h30 eu estava na casa dele para marcar e combinar a ordenação.

Que privilégio tivemos de ter esse santo, dom Luciano, de fato um santo aqui na arquidiocese de São Paulo, em Mariana e em tantos lugares. Dom Luciano foi uma grande referência; o senhor falou também de dom Paulo e dedica seu livro a Santa Dulce dos Pobres. Além desses, quais são suas grandes referências na Igreja e na sociedade na questão dos direitos humanos?

Pe. Júlio: Sem dúvida, uma figura importantíssima na minha vida é Paulo Freire, com quem também convivi. Lembro-me de um momento muito marcante, quando recebi o título de doutor *honoris causa* pela PUC de São Paulo: o Paulo Freire também era doutor *honoris causa* naquela universidade e estava sentado do meu lado, prestigiando aquele momento; foi uma festa muito bonita com indígenas, crianças de rua e toda aquela situação de grandes desafios. E celebrei a missa de corpo presente do Paulo Freire, acompanhei o cortejo do enterro. Tínhamos muitas reuniões com ele sobre a Pastoral do Menor, então Paulo Freire é uma figura que marca muito minha vida, um grande

brasileiro, um grande lutador, o patrono da educação no Brasil. E dos santos, sem dúvida, Santa Dulce dos Pobres é outra figura que marca muito minha vida pela sua luta, pela sua forma de enfrentar a pobreza, a miséria. Gosto muito de um episódio em que Santa Dulce ocupa as casas em Salvador, o prefeito reclama e ela diz: "Enquanto houver gente na rua e casa vazia, vou ocupar mesmo". Até digo: Santa Dulce, a patrona das ocupações. No rol dos santos, há muitos que marcam minha vida, gosto muito da vida dos santos. Um dia, dom Cláudio Hummes foi lá na paróquia onde estou e disse assim: "Você deve ser o padre que mais gosta de santo aqui na arquidiocese".

O senhor tem uma devoção muito grande a Santa Marina, não é?

Pe. Júlio: Santa Marina é figura muito marcante na minha vida. Você conhece a história de Santa Marina?

Já ouvi o senhor falar da santa, a história não conheço.

Pe. Júlio: Santa Marina é a padroeira e a protetora dos difamados, caluniados e perseguidos. É uma figura palpitante, principalmente neste momento em que vivemos, porque a Marina teve de viver num mosteiro como monge, como Marino, e por muito tempo a acusaram de ter um filho, e ela nunca se defendeu. Só quando morreu, perceberam que ela era uma mulher, que não era o pai da criança que ela teve de assumir. Aqui na região Belém há uma paróquia dedicada a Santa Marina. Para mim, marcam muito também Santa Edith Stein, São Maximiliano Kolbe, São Bento José Labre, São Martinho de Lima, São Pedro Claver; são muitos os santos que marcam minha vida, assim como minha madrinha, Santa Teresinha do Menino Jesus.

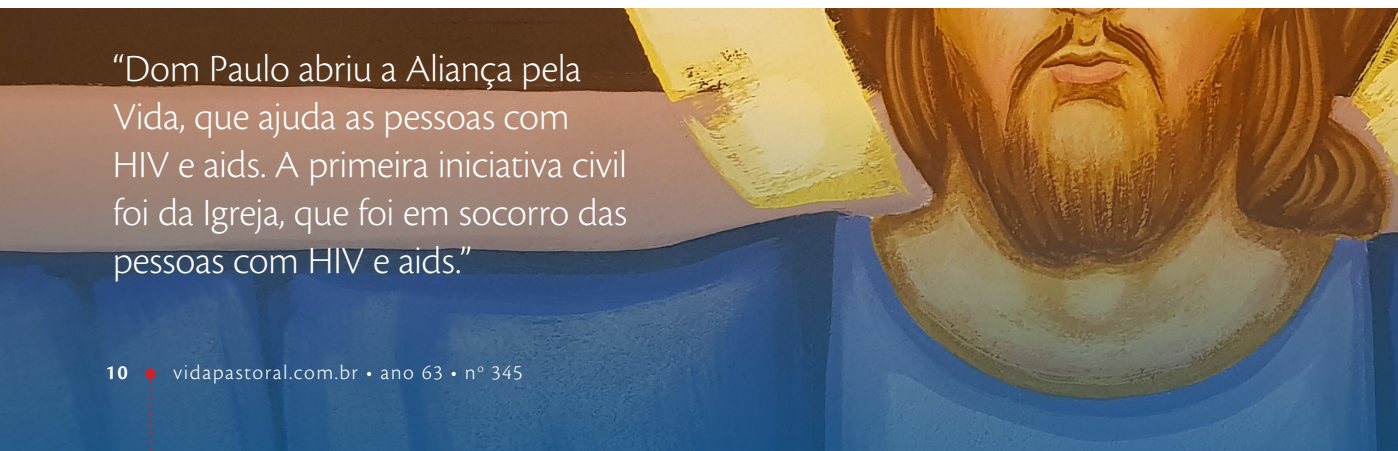
Esses santos todos têm um ponto em comum, que é a opção pelos mais pobres. Por que essa opção que o senhor fez pelos mais pobres e pelos mais excluídos da sociedade? Poderia falar um pouco do trabalho que realiza com o povo de rua aqui da arquidiocese de São Paulo?

Pe. Júlio: Na minha concepção, não há maneira de seguir Jesus sem optar, sem estar do lado dos mais pobres, dos abandonados e – como diz Paulo Freire na *Pedagogia do oprimido* – dos "esfarrapados", daqueles que são descartados, considerados lixo. Assim como Jesus comia com os pecadores, com os abandonados, com os excluídos; assim como viveu São Francisco de Assis, assim como viveram esses grandes sinais da Igreja no seguimento de Jesus. Aquilo que Jesus nos diz, quando vemos o capítulo 5 do Evangelho de São Mateus: Jesus se identifica com o faminto, o sedento, o abandonado, o forasteiro. Então acredito que não há uma forma de seguimento de Jesus que não passe pelos mais pobres, pelos abandonados. O papa Francisco, logo no início do seu pontificado, repetiu aquilo que já nos disse São João XXIII: "Como eu quero uma Igreja pobre, para os pobres". E foi isto que dom Paulo pediu, quando criou o vicariato para a população em situação de rua: "Façam comunidade". Quando, no ano passado, o papa Francisco, para minha surpresa, me fez uma chamada telefônica, perguntou-me como um jesuíta podia perguntar: "Como é o seu dia?" Falei da convivência com os irmãos de rua, e então ele me disse: "É isso mesmo, é isso que tem que fazer: conviver com os pobres". Acredito que isso é próprio da vocação cristã. É incompatível com a vocação cristã rejeitar os mais pobres, os abandonados.

Sim. No livro Amor à maneira de Deus, *o senhor diz que uma das experiências mais profundas da misericórdia, do amor de Deus, ocorreu através da Casa Vida. Se o senhor pudesse falar*

àqueles que nos assistem o que foi a Casa Vida… Por que ela teve esse impacto tão grande em sua vida e missão?

Pe. Júlio: [A Casa Vida surgiu] com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, e para nós foi uma luta muito grande. Na Constituinte de 1988, estávamos com uma multidão de crianças na Praça da Sé, bem ali perto da livraria da Paulus, e nos representava no Congresso Nacional o Plínio de Arruda Sampaio, grande figura, já falecido. Ele era deputado federal e deputado constituinte, e colocou no sistema de som da Câmara Federal o grito das crianças e adolescentes direto da Praça da Sé. Foi quando nós aprovamos – com o grande apoio de dom Luciano Mendes de Almeida, que era secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – o artigo 227 da Constituição Federal, que coloca a criança e o adolescente como prioridades absolutas. Como decorrência do artigo 227 da Constituição de 1988, surgiu o Estatuto da Criança e do Adolescente, e uma das coisas que o Estatuto previa era a dissolução dos grandes orfanatos. Eu trabalhava na unidade Sampaio Viana da Febem, no Pacaembu, onde havia mais de 500 crianças abandonadas, de 0 a 6 anos, e depois eu saí de lá. Nós estávamos na Pastoral quando veio o Estatuto, e eu pensei: "Temos de mostrar que é uma lei viável". Fui ver na Febem, as crianças e adolescentes estavam na pior situação; as crianças que estavam com HIV fechadas, no pior isolamento, sem poder conviver. Viam o mundo pela janela, não podiam nem brincar, nem sair do quarto, ficavam presas o dia inteiro. Falei então com dom Luciano: "Vamos fazer uma casa, uma casa-abrigo, uma casa-família para acolher as crianças". E dom Paulo imediatamente me deu apoio. Minha mãe disse: "Você vai sofrer muito com isso". E, realmente, foi um grande desafio. Dom Paulo abriu a Casa; eu fui processado, tentaram pôr fogo na Casa, fui para a Justiça. Dom Paulo abriu a Aliança pela Vida, que ajuda as pessoas com HIV e aids. A primeira iniciativa civil foi da Igreja, que foi em socorro das pessoas com HIV e aids. E essas crianças [e adolescentes] marcaram muito minha vida, porque convivi com eles na vida e na morte, sepultei muitos deles, que viveram situações extremamente desafiadoras, marcadas muito pela dor e muito pelo amor. Uma das coisas que guardo muito no coração é que batizei todos eles. Para grande parte deles consegui dar a primeira comunhão, e também acompanhei muitos até a sepultura. Hoje alguns estão vivos, já adultos, estão bem, graças a Deus, conseguiram superar a crise e chegaram a uma medicação adequada. Cada uma dessas crianças era um filho, uma filha, uma dor, uma alegria: vê-los falar, alimentá-los, cuidar deles com carinho, ver aquelas crianças pequeninas superar a dor. Alguns deles ficarão muito marcados em minha mente pelo afeto; o nome deles é inesquecível, e todos os que morreram eu acompanhei até o último momento. Tive a alegria de lhes ter dado uma infância feliz, uma infância com alegria: brincar, cantar, dançar, ter brinquedo,



"Dom Paulo abriu a Aliança pela Vida, que ajuda as pessoas com HIV e aids. A primeira iniciativa civil foi da Igreja, que foi em socorro das pessoas com HIV e aids."

boa alimentação. Muita gente comentava: "Mas você investe demais nessas crianças que não têm futuro". Aqui está a grande palavra-chave: gratuidade. Hoje até coloquei no Instagram, por causa do seu aniversário, uma foto de dom Luciano segurando uma dessas crianças da CasaVida, a Jurema Cíntia, que, além do HIV, teve uma crise de lúpus e faleceu com 16 anos. Foi uma criança que viveu conosco desde os 5 anos e teve uma vida cheia de dores, desafios e esperanças. Então isso me desafiou muito na questão pedagógica, pastoral, na minha luta pelos direitos humanos, porque minha convivência foi com presos, com jovens infratores, com pessoas com HIV e aids, em situação de rua, idosos, pessoas mais sofridas, e buscava dar a essas pessoas a melhor resposta, em cada momento.

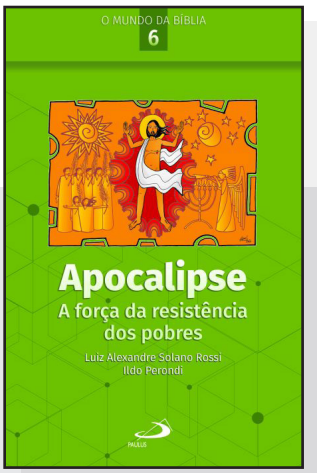
O senhor falou de gratuidade. No livro Amor à maneira de Deus, *afirma que três das principais características do amor misericordioso de Deus são a incondicionalidade, a gratuidade e a transformação. Queria que comentasse um pouco sobre isso.*

Pe. Júlio: E hoje, falando de misericórdia, não podemos esquecer que é dia de Santa Faustina de Jesus Misericordioso e também dia de São Benedito, o Negro. Nós vamos percebendo essa revelação do amor de Deus em Jesus: Jesus é o Deus misericordioso; é, como disse o papa Francisco, "o rosto da misericórdia", de um amor incondicional, de um amor de gratuidade. O amor de Deus por nós não envolve meritocracia, é isto que quero mostrar também nesse livro: Deus não nos ama porque merecemos, mas porque precisamos. Ele não olha para nosso mérito, mas para nossa necessidade. E isso é transformador, na medida em que nossa vocação, nossa vida cristã, é a resposta que damos a esse amor: somos amados para amar também. Essa é a grande transformação num

Apocalipse:

A força da resistência dos pobres

Luiz Alexandre Solano Rossi
Ildo Perondi



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Neste livro os autores fornecem uma chave de leitura do livro do Apocalipse, cuja interpretação é considerada até hoje complexa, majoritariamente em virtude de seus simbolismos.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

"O amor de Deus é para todos: para todos a partir dos fracos; para todos a partir dos pequenos; para todos a partir dos indesejados; para todos aqueles a quem é negada a dignidade da vida. Isso marca muito nossa vida."

momento tão tenebroso como este em que nós vivemos, de pandemia, de dor, de desespero, de desprezo às populações indígenas, aos povos ancestrais, aos quilombolas, de genocídio da juventude negra. Nunca tivemos tanto feminicídio de forma aguda, homofobia, transfobia. Então, o amor de Deus é para todos: para todos a partir dos fracos; para todos a partir dos pequenos; para todos a partir dos indesejados; para todos aqueles a quem é negada a dignidade da vida. Isso marca muito nossa vida, marca de forma transformadora, e é isso que vai fazer com que a sociedade, a comunidade e a vida em comum possam ser melhores. Aos mais fracos, o melhor; aos mais fracos, aquilo que se pode fazer. Na Casa Vida, tínhamos uma menina chamada Raíssa, e a Raíssa me chamava muito a atenção, porque me lembrava a Raïssa Maritain, mulher do Jacques Maritain, figura do século XX e uma grande convertida. E a Raíssa, além do HIV, tinha uma grande encefalopatia crônica. Não enxergava, não ouvia, não andava, e a única forma de se comunicar com ela era pela pele, com o carinho, o afago. A Raíssa ficou 42 dias na UTI do Hospital Infantil Cândido Fontoura, depois foi para o Hospital Emílio Ribas e lá faleceu. Durante esses 42 dias em que ficou na UTI, fui visitá-la diariamente. Eu ia com a irmã Leonice, que coordenava a Casa Vida: como era uma hora de visita, eu entrava na primeira meia hora e, na segunda, entrava a irmã Leonice; no outro dia, ela a visitava na primeira meia hora e eu na segunda. Eu sabia de cor quantos degraus havia naquela escada. E a Raíssa estava lá na UTI, toda monitorada, não falava, não enxergava, não andava, mas, quando chegávamos lá e tocávamos nela, o monitor cardíaco sempre disparava e apitava. As enfermeiras vinham, desligavam e diziam: "Quando vocês chegam, o monitor dispara". Isso porque a Raíssa entendia a linguagem do amor pela pele, a única forma [possível] de expressão; ela percebia e sabia como era o toque da irmã Leonice e do meu toque na sua pele. Muita gente dizia: "Mas você investe tanto nessa menina, custa muito caro, e ela não tem futuro, não vai viver", e eu respondia: "Não é isso que importa; importa cada momento dela, para que não tenha dor, para que não tenha sede, para que não tenha fome, para que se sinta sempre acarinhada, confortável, sem nenhum incômodo, limpa, com roupa que não lhe cause nenhum problema, bem cuidada, tendo uma sensação boa". Assim também foi o Vítor. O Vítor também tinha encefalopatia e, além de tudo, tinha uma traqueostomia e uma colostomia, então era um menino com o qual era preciso ter muito cuidado. O Vítor tinha certa visão; a gente não sabia seu grau de acuidade, mas ele percebia nossa presença também. Foram crianças como [ele], a Mislene, a Fabiana, a Jurema, o Anderson, o Samuel, o Daniel, que marcaram muito minha vida. Todos eles estão com Deus, junto com o Renan, com a Fabíola... São muitas as crianças que passaram por nós e hoje estão com Deus; elas marcaram profundamente nossa vida. O dia em que a Fabiana faleceu, aos 7 anos, era um domingo em que a arquidiocese estava fazendo uma romaria a Aparecida. Dom Paulo, antes de ir para Aparecida, tinha que

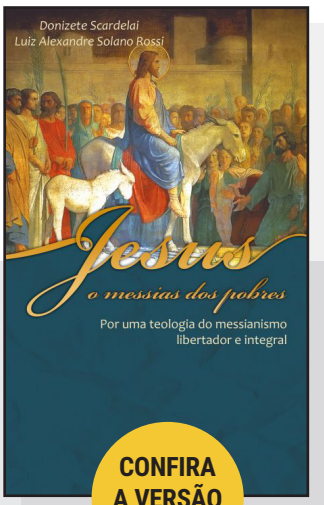
passar pela via Dutra. E ele passou na zona leste, na paróquia onde estou até hoje, São Miguel Arcanjo. Na hora em que eu estava celebrando a missa de corpo presente da Fabiana, ele, de surpresa, entrou na igreja. A igreja estava com muita gente, lotada. Quando viram o arcebispo de São Paulo entrando, todos choraram muito. Dom Paulo foi para a frente do altar e logo dei a palavra a ele, que então falou: "O grande teólogo russo Von Balthasar dizia que, se chegasse diante de Deus, faria uma pergunta para a qual ele, como grande teólogo, não tinha tido resposta: 'Por que uma criança sofre?'" Dom Paulo disse isso ao povo e depois logo teve de sair, pois teria a romaria para Aparecida. Eu o acompanhei até a rua para ele entrar no carro, e então ele me segurou firme e disse assim: "Console esse povo, porque esse povo está sofrendo". Ele sabia da minha dor e ainda disse: "Console esse povo". Isso marcou muito, e essa palavra de dom Paulo ficou em meu ouvido, em minha memória: "Console esse povo". Diante da dor, do sofrimento, que não nos afoguemos na própria dor, mas sejamos capazes de socorrer os que estão doloridos também.

O senhor deve ainda ouvir muito isso. A gente vive em uma sociedade que sempre espera algo em troca. Questionam o senhor por que investe tanto nessas crianças, já que elas não vão retribuir, não vão ter vida longa. Deve ouvir muito isso também com relação aos moradores de rua, aos viciados da Cracolândia. O senhor costuma dizer que não trabalha com os moradores de rua, mas convive com eles, porque trabalho envolve um tempo limitado, como se o senhor trabalhasse, depois fosse para casa e não vivesse mais aquilo. Mas nós sabemos que essa é sua vida.

Pe. Júlio: E a convivência é exigente, tanto que hoje eu até comentava com algumas pessoas: quem pergunta a um morador de rua o que ele está pensando, o que ele está

Jesus, o messias dos pobres:
Por uma teologia do messianismo libertador e integral

Donizete Scardelai
Luiz Alexandre Solano Rossi



456 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA A VERSÃO E-BOOK

A obra aborda a diversidade de textos e tradições orais que tratam do messianismo em Israel. Apresenta um olhar crítico sobre a realidade bíblica, intertestamentária e rabínica, desenvolvendo com primor a afirmação do professor Israel Knohl: "Há messias antes do messias".

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

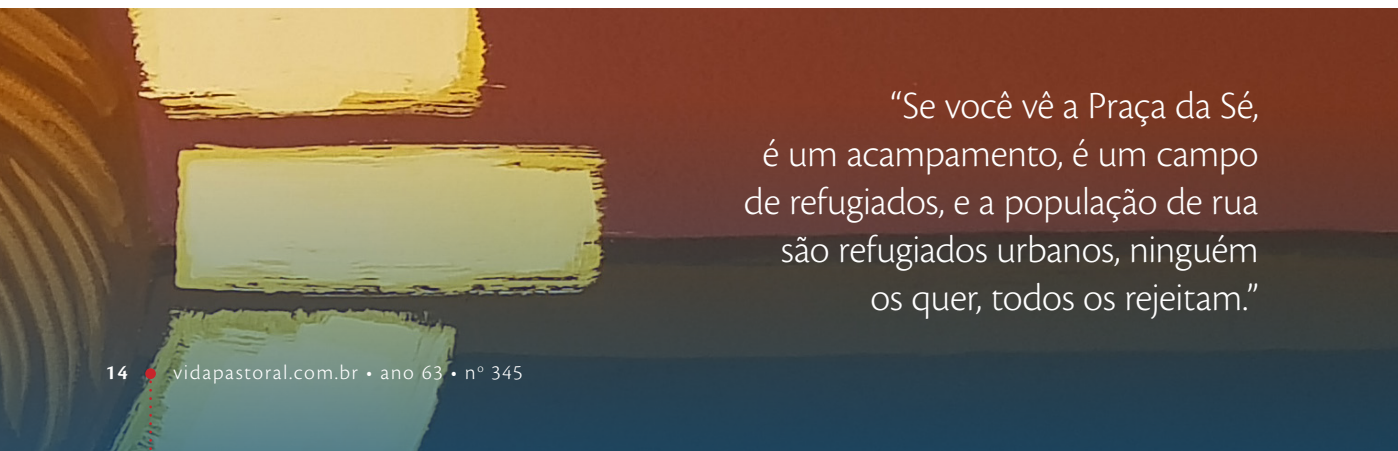
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

sentindo, qual é a dor, que sofrimento ele tem? Muitas vezes eles não passam de números, de estatísticas; são casos, não pessoas; são considerados números. Então é uma situação dramática. Agora, na pandemia, aprendi muito isso, a ler o olhar deles; todos de máscara e só com os olhos visíveis. Você ler o olhar dessas pessoas, entender a dor, o sofrimento que todos eles passam... Falo isto nesses textos: que na população de rua não há anjos nem demônios; são pessoas e, como tais, são sujeitas às limitações que todas as pessoas têm. Hoje mesmo uma jornalista estava me perguntando sobre a violência contra os moradores de rua. Há também a violência da discriminação, da institucionalização de tutela, existe muita violência simbólica e que fere o corpo, mas fere psicologicamente, de maneira muito profunda. Comentei com ela que, quando afirmam que a população de rua é muito agitada, eu digo: "Vá a uma reunião de condomínio para perceber como é, na hora de fazer sorteio de vaga no estacionamento". Sei de muitas reuniões que acabam na delegacia, e olhe que elas estão fechadas num condomínio, ao passo que a população de rua todo mundo vê. Você vê hoje a situação do centro de São Paulo: nunca nossa cidade assistiu a um processo de empobrecimento tão galopante como o de agora. Se você vê a Praça da Sé, é um acampamento, é um campo de refugiados, e a população de rua são refugiados urbanos, ninguém os quer, todos os rejeitam. Muita gente os hostiliza, muitos os destratam, olham para eles com absoluta indiferença. Isso acontece de maneira contínua. A população de rua não tem acesso garantido a água potável, a saneamento básico, a um banheiro para utilizar de maneira adequada; a alimentação que eles têm é na velocidade de quem oferece, e não a partir das necessidades deles. Nunca podem fazer escolhas, tudo é escolhido para eles, e ainda as pessoas dizem: "Para quem não tem nada, qualquer coisa está bom".

Na pandemia, também, a gente ouvia muitos relatos: o governo, a prefeitura mandavam ficar em casa, lavar as mãos. Mas como fazer isso no caso de quem não tem casa? Foi até um dos dilemas do Arsenal da Esperança [casa de acolhimento do povo em situação de rua, fundada em 1996 por iniciativa de Ernesto Olivero e dom Luciano Mendes de Almeida]. Eles falavam: "E quem não tem casa, não tem como lavar as mãos?" Como o senhor sentiu essa situação durante a pandemia?

Pe. Júlio: Durante a pandemia, convivi diariamente com a população de rua. Durante os momentos mais agudos de fechamento, de *lockdown*, quando a cidade ficou praticamente fechada, nós continuamos convivendo com eles. Fazíamos a convivência na paróquia, e hoje – devido às normas [higiênicas] da pandemia, à diminuição de voluntários, de doações – nós a fazemos na comunidade de São Martinho de Lima. E todos os dias estou na rua com os irmãos em situação de rua. O início da pandemia foi um momento muito difícil, de muita incerteza, de muita dúvida; não tínhamos nada no horizonte de vacinação, e todas as recomendações da Organização Mundial da Saúde – que são



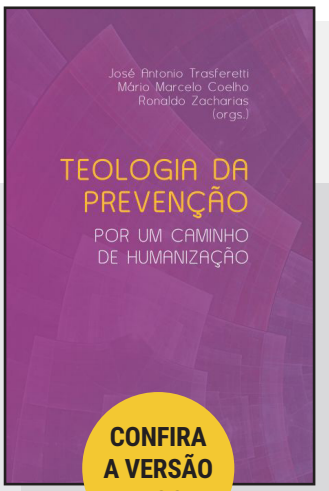
corretas e devem ser vividas – eram todas impossíveis para os moradores de rua, como: usar máscara, trocar máscara, ter acesso a álcool em gel, lavar as mãos e ficar em casa. Como eles podiam fazer isso? Muitos deles me perguntavam: "Onde é a casa em que a gente vai ficar?" Foi realmente um tempo extremamente exigente, extremamente difícil. Então nós pensamos: Como a gente conseguiu chegar até aqui? E a pandemia ainda não acabou. Nesta semana acompanhei a inauguração da UPA, aqui na Mooca, que tem o nome de Dom Paulo Evaristo Arns; é a Unidade de Pronto Atendimento da Mooca. Acompanhei até lá um rapaz com suspeita de covid; ele estava na porta da igreja com muito tremor, e eu fui acompanhá-lo para fazer os exames e tudo o mais. Ele continua em observação. [A pandemia] foi um momento muito desafiador. Muita gente achou que ela iria mudar a sociedade, mas não mudou: quem nela entrou egoísta, saiu mais egoísta; quem entrou solidário, saiu mais solidário.

Sim, infelizmente. Nós tínhamos este sonho: a pandemia vai melhorar as pessoas. Mas, de fato, não é isso que nós temos visto por aí.

Pe. Júlio: Basta ouvir a CPI da covid, cada barbaridade. E nós vimos, durante toda a pandemia, o superfaturamento de respiradores, a falsificação de álcool em gel, uma série de situações de corrupção que aconteceram. Quantas vacinas foram perdidas, quanta medicação ineficaz foi comprada e está sem utilização. Então vivemos num momento em que é preciso muito discernimento, muita coragem, no enfrentamento de todos os desafios. Eu digo no livro e repito mais uma vez: não luto para vencer, e sim para ser fiel até o fim, porque, em grande parte das nossas lutas, sabemos que seremos derrotados. Mas não estou contando vitórias e derrotas; estou contando fidelidade até o fim naquilo em que acreditamos e naquilo que buscamos.

Teologia da prevenção:
Por um caminho de humanização

José Antonio Trasferetti, Mário Marcelo Coelho e Ronaldo Zacharias (orgs.)



432 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

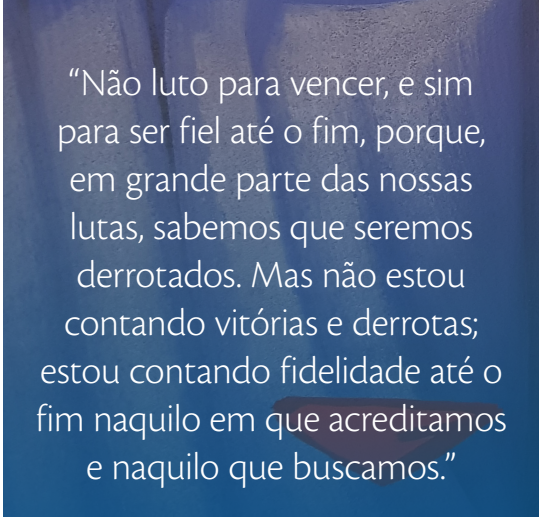
CONFIRA A VERSÃO E-BOOK

A teologia da prevenção é um caminho de humanização por meio da prática das virtudes, da progressiva conformação aos sentimentos e às ações de Jesus de Nazaré. É isso que faz com que esta obra seja imprescindível para quem se dedica ao trabalho eclesial, teológico e formativo.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br



"Não luto para vencer, e sim para ser fiel até o fim, porque, em grande parte das nossas lutas, sabemos que seremos derrotados. Mas não estou contando vitórias e derrotas; estou contando fidelidade até o fim naquilo em que acreditamos e naquilo que buscamos."

No livro, o senhor afirma que o critério para a vida cristã é a caridade. Como podemos combater essa fé intimista, tão ensimesmada, eu e Deus só, sem considerar a comunidade? Como podemos amar a Deus se estamos fechados em nós mesmos?

Pe. Júlio: O fechamento é a negação do amor. Não existe amor sem abertura, sem acolhimento. O amor é, como diziam os poetas e os cantores, um verbo intransitivo. Então não existe essa possibilidade – até comento na comunidade que muita gente diz: "Eu e Deus estamos muito bem, eu o amo muito, não temos problemas". O problema é quando chega a família dele; quando chega a família: aí está o problema. Temos que ter um critério, e o critério é Jesus de Nazaré. Quando uma pessoa diz: "Todo caminho leva a Deus", sempre pergunto: "De que Deus você está falando?" É muito interessante esse livro da Paulus do qual sempre faço propaganda, *A loucura de Deus: o Cristo de João.* É um livro fantástico, e [acho que] a Paulus deveria publicar toda a obra do Alberto Maggi. Mas tem esse livro que é *A loucura de Deus: o Cristo de João.* O que o Alberto Maggi diz logo no começo – ele é um religioso servita italiano – é: "A Deus ninguém viu". É o que João diz lá no Evangelho, uma posição firme que ele toma. E o Alberto Maggi, que estudou muito os textos joaninos, diz: Jesus não é como Deus, porque a Deus ninguém viu; Deus é como Jesus, porque Jesus é o Deus que nós vemos. Este é nosso critério fundamental: como é que Jesus age, qual é a maneira de ser de Jesus, como é que Jesus agiu com as mulheres, como é que agiu em relação aos evitados, aos rejeitados, aos humilhados, aos abandonados.

Nosso critério de cristianismo não é um critério intimista; é, antes, um critério solidário, comunitário, é um critério de entrega de vida. Jesus nos diz no Evangelho de João: "Eu vos dei o exemplo". E João nos diz no Evangelho: "Tendo amado os seus, amou-os até o fim" – isto é, até as últimas consequências. Então acredito que esses são nossos critérios no seguimento de Jesus. Nosso critério é aquilo que ele diz: "Ninguém tira minha vida. Eu dou a minha vida. Eu é que dou a minha vida, ninguém a tira de mim". O critério de Jesus é o Bom Pastor. Nas parábolas da misericórdia do Evangelho de Lucas, Jesus coloca [a reflexão] de uma maneira muito provocante, quando diz: "Que vos parece? Quem é que, tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixa as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?" A resposta lógica seria: ninguém. Quem é que, tendo cem e perdendo uma, vai deixar as 99 para ir atrás da que se perdeu, até encontrá-la? De fato, perder uma não seria nada diante da margem de erro, porque uma só é muito pouco. Esse amor é o amor incompreensível; é o amor do pai que acolhe o filho que tinha ido embora e o filho que rejeita o irmão. O pai que acolhe os dois, e os dois não pensam no pai; pensam em si mesmos e não tratam o pai como pai, e sim como patrão. Então o amor de Deus é um amor ilógico, muitas vezes incompreensível. Nós buscamos entender o amor de Deus dentro da lógica, e da lógica neoliberal. O amor de Deus revelado em Jesus, revelado na Palavra, é um amor completamente ilógico, desconcertante, fora do padrão, fora de toda lógica. Quando alguém disser na comunidade: "É lógico", desconfie, porque você deve desconfiar de tudo que é muito lógico, dentro dessa lógica em que nós vivemos. Este é um grande questionamento, para todos nós,

no seguimento de Jesus: o de um amor ilógico, incompreensível, incomensurável, infinito, incondicional, de um amor que se derrama totalmente, esquecendo-se de si mesmo. O amor de Deus por nós é infinito. Por isso, amar à maneira de Deus é um grande desafio. Nós só vamos descobrir essa maneira de Deus aceitando seu amor e amando até o fim, amando sempre, de maneira incondicional. E com um amor que não é simplesmente um sentimento, mas é uma decisão, uma determinação, uma direção.

De fato, o amor de Deus nos coloca em questionamento, questiona a lógica do mundo. Uma espectadora desta live *comenta que o senhor costuma dirigir-se às pessoas em situação de rua como se elas fossem Jesus, dizendo, por exemplo: "Hoje encontrei Jesus caído e com fome".*

Pe. Júlio: Levo muito a sério o que está no Evangelho de Mateus [25,31-46]. Jesus se identifica com, e personaliza, o faminto, o sedento, o abandonado, o excluído, o encarcerado, o rejeitado, o maltratado. É muito forte essa questão de você ver, na dor do irmão, a presença do próprio Senhor; as suas feridas estão nas feridas dos pobres, dos pequenos. Por isso o papa Francisco diz aquela frase que nos marcou tanto na pastoral do povo de rua: "Quem toca o corpo do pobre toca o corpo do Cristo. E quem também fere o corpo do pobre fere o corpo de Cristo".

O senhor fala no livro sobre olhar o pobre como lugar teológico, lugar da manifestação de Deus. Por quê?

Pe. Júlio: Essa é uma grande intuição teológica presente na Bíblia. [Já] na Primeira Aliança, está bastante claro que a presença do pobre é a presença e a negação – a ausência – de Deus. Por exemplo, uma coisa que hoje me chama bastante a atenção: nunca a cidade de São Paulo teve tantas igrejas; é impressionante

Idolatria do dinheiro e direitos humanos:
Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo
Jung Mo Sung

256 págs.
Imagens meramente ilustrativas.

Este livro apresenta uma análise a respeito da economia neoliberal pela perspectiva da teologia da libertação.

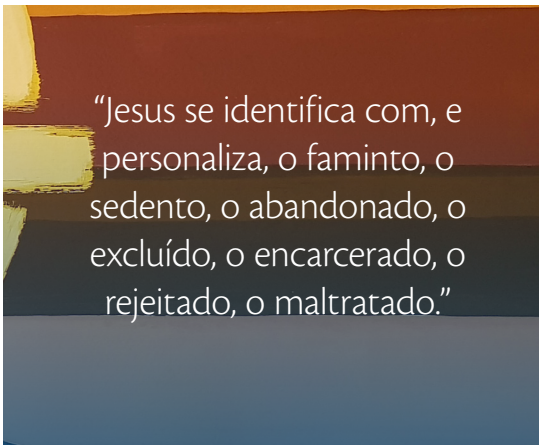
Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11
paulus.com.br

a quantidade de igrejas e religiões existentes aqui. Quem visitar São Paulo vai dizer: "Nossa, esta cidade é muito religiosa". Você não anda dez ruas sem encontrar duas ou três igrejas. Do Largo da Concórdia até a Penha, você vai encontrar pelo menos umas 60 igrejas. Então, pela lógica, você poderia dizer: "Esta cidade é tão religiosa, nela você não vai encontrar pobres. Ninguém deve dormir na rua, ninguém deve passar fome, porque este povo é muito religioso; e, porque é muito religioso, deve ser muito solidário". Só que não. Esta cidade, que tem tanta igreja, nunca teve tanta gente na rua, tantos desempregados, tanta gente sem ter o que comer e tendo que cozinhar com fogão a lenha. Então, qualquer um que hoje olhe para São Paulo vê uma cidade extremamente empobrecida: muita gente pelas ruas, muita gente que não tem o que comer e como sobreviver. E uma cidade que ostenta grandes templos e grandes aglomerados – que não deveria haver neste tempo de pandemia – de gente religiosa se reunindo para louvar a Deus sem olhar o irmão. Santo Irineu nos diz: "A glória de Deus é que o homem viva", é que o ser humano viva. Não existe outra forma de glorificar a Deus a não ser [dignificando] a vida humana. A glória de Deus é que o homem e a mulher vivam com dignidade, que tenham alimento, que tenham água potável, que tenham teto. Como nos pede o papa Francisco: terra, trabalho e teto. Então, que tenhamos uma vida com dignidade. Isto é o amor de Deus: um amor com concretude. Não existe amor sem verificação histórica. É a mesma coisa que você dizer que ama uma pessoa e não ter o mínimo interesse por ela, o mínimo cuidado com ela. Como é que você me ama se não fala comigo, se não se interessa por mim, se não partilha nada comigo? Isso não é amor. Isso é indiferença. O amor a Deus tem uma mediação, ninguém ama a Deus diretamente. O amor a Deus passa pelo amor ao semelhante. Essa é a única forma e a única veracidade do amor. Inclusive nós temos visto na liturgia católica, nestes últimos domingos, a carta de São Tiago, que deixa muito clara essa questão da fé e das obras. Não é possível desvincular uma coisa da outra.

Jesus estava sempre com os marginalizados, com aqueles que mais necessitavam. O senhor acredita que hoje estamos vivendo uma crise de valores, não só na Igreja, mas também na sociedade?

Pe. Júlio: Essa crise sempre houve. Se você olhar, o que foi a vida de São Francisco de Assis? Quanto São Francisco foi perseguido, debochado... O que fizeram com ele? Quando São Francisco ia pedir pão nas casas de Assis, jogavam urina em cima dele. São Francisco foi tratado de maneira cruel. Se olharmos o que aconteceu com Santa Dulce... Uma pessoa doce como foi a "Dulcinha", como diziam os baianos, a senhora dona Dulce. Quem não conhece Santa Dulce, assista ao filme *Irmã Dulce dos Pobres* e vai ver que ela foi posta fora da congregação por dez anos, ficou sozinha, teve que levar seus doentes, empobrecidos, para o galinheiro do convento, que se tornou esse grande Hospital Santo Antônio em Salvador. Acerca dessa crise de valores, olhe para a própria vida de Jesus, o que lhe diziam na cruz: "Se és o Filho de Deus, desce daí e vamos acreditar em ti". Essa crise e essa luta estão sempre presentes na nossa vida, e sempre vamos ter que tomar decisões, assim como Paulo, Pedro e todos os outros no decorrer da história. Todos temos que tomar decisões, dar sentido à nossa vida, a partir do amor de Deus. Fico às vezes



inculcado, na paróquia São Miguel Arcanjo, quando os que são devotos dos anjos falam mais do diabo do que do anjo e ficam mais preocupados com o diabo do que com o anjo. Gosto mais de falar do anjo do que do demônio. Há gente que gosta de falar mais do demônio do que do anjo. Não, vamos falar do anjo. Nesta cultura do ódio em que vivemos, vamos viver o amor – como diz aquela canção: "E viva o amor". A gente fala do amor, da dignidade humana, defendendo os que estão feridos, os que estão abandonados. Na crise de valor, onde é que está o valor diante do irmão abandonado? Então, alimentar irmãos que estão na dependência química e não têm o que comer é uma forma de vivenciar o amor ilógico de Deus. O amor que não somos capazes de compreender, mas ao qual somos capazes de nos assemelhar, acolhendo esse amor até quando as pessoas falam: "Amar à maneira de Deus? Como é que vou amar à maneira de Deus?" Vamos ver ali no livro do Gênesis: o homem e a mulher são criados à imagem e semelhança de Deus. Se somos criados à semelhança de Deus, somos chamados a amar à imagem e semelhança – à maneira – de Deus. Amando a todos, não discriminando ninguém, não tendo preconceito, lutando contra todo tipo de preconceito racial, contra todo tipo de machismo, de misoginia, de homofobia, de "lgbtfobia", não rejeitando ninguém, acolhendo a todos, as pessoas em situação de rua, os abandonados e os famintos, os mais difíceis, os enlouquecidos, os solitários, os que estão afogados no sofrimento mental. Isso é amar à maneira de Deus, amar como Deus ama. E sabe qual a maior prova do amor de Deus para cada um de nós? Somos nós mesmos. Se Deus ainda me ama, sem nenhum merecimento da minha parte, ele me ama porque necessito imensamente desse amor, e assim sou chamado a amar também. Deus não me ama para me dar privilégios, mas para que eu ame também. **VP**

Quando a fé se torna social

Antonio Spadaro

48 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA A VERSÃO E-BOOK

O ser humano sempre foi um buscador de Deus. Este livro é um convite para refletirmos sobre a fé na Era digital e os desafios que ela apresenta.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

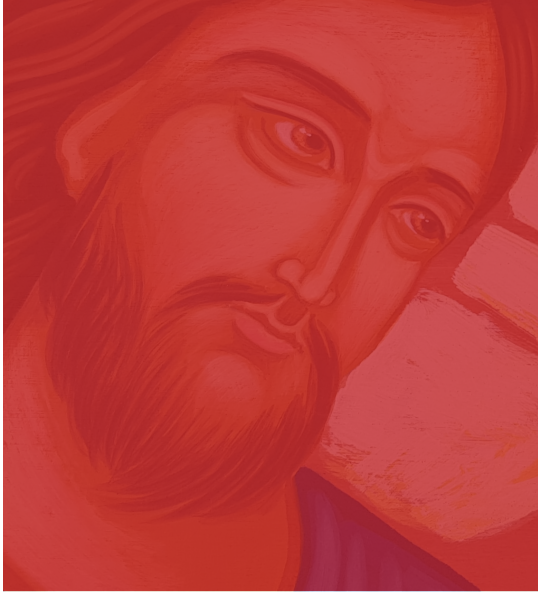
Vicente Ferreira*

*Dom Vicente Ferreira, bispo auxiliar da arquidiocese de Belo Horizonte, atua na região episcopal Nossa Senhora do Rosário, cuja sede está em Brumadinho-MG. Membro da Comissão de Ecologia Integral e Mineração, acompanha as comunidades atingidas por violações socioambientais. Poeta e escritor, tem doutorado em Ciência da Religião e pós-doutorado em Teologia. ***E-mail:*** vicenteferreirabh1@gmail.com

O sofrimento: reflexões pastorais

"Felizes os que choram, porque serão consolados" (Mt 5,4)

O sofrimento é realidade complexa da existência humana. Território sagrado que exige solidariedade e discernimento. Reconhecemos que a vulnerabilidade socioambiental é marca forte de nossa cultura. Ela convida-nos a ser corpo fraterno numa Igreja samaritana, nascida das chagas redentoras de Cristo. Assim, a partir das feridas dos tempos atuais, moldaremos um mundo novo, de justiça e paz, na força do Ressuscitado.



"AS PROMESSAS DE FELICIDADE, NA PERSPECTIVA DE UMA VIDA BASEADA NO TER, PÕEM EM SEGUNDO PLANO OS DRAMAS MAIS SÉRIOS DE NOSSO EXISTIR."

INTRODUÇÃO

O sofrimento é dimensão complexa de nossa vida. Território sagrado, que deve ser tratado com muito cuidado e compaixão. É encontrado nas passagens mais importantes da Bíblia. A aflição é nomeada como bem-aventurança, na proclamação de que felizes são os aflitos (Mt 5,1-12). Como aprofundar esse drama que faz parte de cada um de nós? De que maneira, a partir da paixão de Cristo, podemos enfrentar, com esperança, as dores da vida, de modo especial as que são causadas pela violência?

Além de estarmos atravessando uma pandemia, escrevo sob o signo de uma tragédia. "O que me restou foi a fé", disse a mãe, entre soluços, depois da notícia de que seu filho único havia sido morto pelo rompimento da barragem da mineradora Vale, na mina Córrego do Feijão, em Brumadinho. Envolvido por um amor compassivo, iniciei um novo tempo em minha história, por ocasião desse crime socioambiental, que matou 272 pessoas e destruiu a bacia do Paraopeba. Fé, a chama divina que sustenta; caridade, a resposta humana que se traduz em obras; esperança, do verbo esperançar, de estar juntos, como disse nosso educador Paulo Freire.

Uma situação é o declinar natural da vida, com suas dores; outra, é a morte, o sofrimento provocado pela violência. Ao escrever esta reflexão, uno-me às comunidades atingidas de Brumadinho e região. Minha narrativa se dá com base no sofrimento provocado por um dos maiores crimes socioambientais da história do Brasil. E, depois de um ano de trabalho com os atingidos pela mineração, iniciamos a difícil pandemia da covid-19. É no meio de tudo isso que nascem estas palavras sobre o sofrimento.

1. CORPOS AFLITOS: O SOFRIMENTO CAUSADO PELA VIOLÊNCIA SISTÊMICA

Em muitos aspectos, a cultura atual trata o sofrimento de maneira perigosa. As promessas de felicidade, na perspectiva de uma vida baseada no ter, põem em segundo plano os dramas mais sérios de nosso existir. Papa Francisco nos alerta: "O mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações onde está presente o sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade [...]" (GE 75). Negar o sofrimento traz consequências individuais e coletivas sérias.

Há alguns anos, fiz uma pesquisa sobre vulnerabilidade e cristianismo nos dias atuais (FERREIRA, 2017). Buscava elementos filosóficos e teológicos relacionados às dores agudas que atravessamos como comunidade global. Mostrei que a fragilidade é o lugar por excelência de nosso testemunho cristão, hoje. Mais do que em outras épocas, habitamos um mundo ferido. Com as vivências em Brumadinho e com os dramas da pandemia,

tenho comprovado essa constatação. Além da finitude, que é natural a todos, sofremos com um estilo capitalista que privilegia minorias, pondo o lucro acima da vida. Enquanto isso, os pobres e a Terra padecem inúmeras violações.

Se, por um lado, a avançada medicina cura tantos males e alivia dores, por outro, a busca desenfreada pelo dinheiro faz pesar sobre nosso corpo muitas doenças. Diante disso, a vida cristã nos exige a compaixão que ampara, mas também é nossa missão combater as cruzes impostas por sistemas de morte. "Temos de lembrar sempre para não esquecermos o porquê de tantas mortes": essa frase, sempre dita em Brumadinho, expressa bem nosso chão comum contemporâneo. Fazer memória é dar às vítimas o direito de uma palavra sem a qual não haverá mundo novo. Esconder nossos mortos e os sofredores é caminho de perdição.

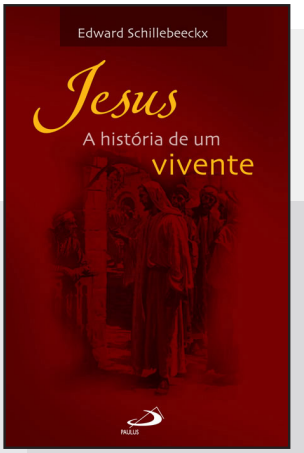
2. FRAGILIDADES PSÍQUICAS: SOFRIMENTOS SEM EXPLICAÇÃO?

Muitos de nós já deparamos com esta afirmação: "Ah, isso é psicológico". Como se se dissesse: "Não é nada!" E seguimos vida afora sem prestar atenção em nosso corpo, em nossos sentimentos, em nossos desejos. Muitas vezes, a cultura na qual vivemos não se importa com nossa subjetividade; com aquilo que somos, no fundo de nossa alma. O que ela nos cobra, o tempo todo, é que sejamos produtivos e consumidores. Uma lógica perversa. Vivemos como se fôssemos mercadorias. Enquanto isso, nosso corpo, com suas pulsões dinâmicas, produz seus sintomas.

Depressão e suicídio são realidades que se impõem em nossa época. E quais as respostas mais comuns? Ansiolíticos, terapias que resolvam logo, negação etc. No entanto, há dor que, se não se transformar em linguagem, produz mais dor. Um sintoma de nossa alma que não ganhe escuta atenta pode nos jogar numa solidão perigosa. "A tribulação,

Jesus: a história de um vivente

Edward Schillebeeckx



744 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro apresenta uma nova busca do Jesus histórico. Expõe os avanços dos estudos cristológicos a partir da Segunda Guerra Mundial e do Vaticano II.

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar nossos estilos de vida, nossas relações, a organização das nossas sociedades e, sobretudo, o sentido da nossa existência" (FT 33).

Nossa subjetividade humana é constituída de pulsões dinâmicas. Sempre inacabadas, esperam de nós muito empenho no cultivo da vida interior. Afetos são territórios polissêmicos, terrenos espinhosos e prazerosos ao mesmo tempo. E o que nos move, numa cultura capitalista? Eficiência, pressa, concorrência, controle, para produzirmos mais. Quando algo não "funciona", é catalogado como doença. Vivemos em um sistema que discrimina o que foge de suas ordens, impondo ideias e práticas que adoecem nossa existência.

Enquanto sonhamos em conquistar o espaço, seria mais urgente reconquistar nossa corporeidade como lugar do sagrado mistério de nossos desejos, relações, alegrias e frustrações. Há tantos corpos negros, indígenas, com diferentes orientações sexuais, que sofrem racismo e preconceito simplesmente porque não se enquadram em padrões impostos por uma lógica dominadora. Nossa vulnerabilidade corpórea pesa, sobretudo, sobre alguns corpos específicos, o corpo dos mais pobres.

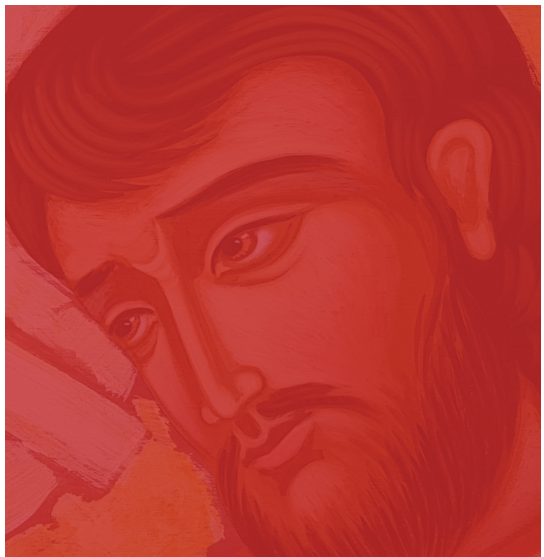
Foi por meio da escuta dos excessos corpóreos que Freud fez suas grandes descobertas (FREUD, 1996). Há algo operando em nós que não tem origem apenas física. Então, quando falamos de corpo, também falamos de espírito, de desejos mais profundos, de memória, de inconsciente. Que exige elaborações pela palavra, pela arte, pela simbolização. A pressa cotidiana, como se nosso corpo fosse máquina, roubou-nos a atenção para com nossos ciclos. Os ritos, o silêncio, a roda de palavra partilhada ou a escuta profissional atenta são muito importantes para o cuidado de nossa memória afetiva. E o que dizer dos corpos discriminados, descartados, invisíveis?

3. NÃO É POSSÍVEL UM CORPO SAUDÁVEL EM UM PLANETA DOENTE

Atravessamos uma crise global socioambiental. Cerca de 1% da população mundial dominou o planeta e concentra riquezas equivalentes ao que possui metade dos seres humanos que habitam a Terra (SHIVA; SHIVA, 2019). Ou seja, o modelo de economia que põe o lucro acima da vida é responsável por verdadeira fábrica de morte de pessoas e de outros seres vivos. Um sofrimento imposto de maneira cruel. Somos chamados, cada vez mais, a escutar esses gritos dos pobres e da Terra.

A *Laudato Si'* apresenta-nos a ecologia integral como tema transversal. É urgente que mudemos nosso estilo de civilização global. A transformação passará, sem dúvida, pela construção de nova relação com toda

"A PRESSA COTIDIANA, COMO SE NOSSO CORPO FOSSE MÁQUINA, ROUBOU-NOS A ATENÇÃO PARA COM NOSSOS CICLOS."



a criação. A concepção de vida humana separada da complexidade de tantos seres vivos jogou-nos na arrogante postura de que podemos fazer da natureza o que bem entendermos. Distanciamo-nos da vocação de cuidadores e estamos, cada vez mais, imersos numa posição de destruidores. "Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos pensando que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la" (LS 2).

Os dois crimes da mineração – em Bento Rodrigues, Mariana-MG, da Samarco/Vale/BHP Billiton, e em Brumadinho-MG, da Vale/Tüv Süd – exemplificam o horror da violência lançada sobre o corpo de trabalhadores, pequenos agricultores, famílias e sobre a natureza. Levaram a riqueza e deixaram a lama da morte. Infelizmente, esses não são os únicos traumas abertos pelo capitalismo neocolonialista. A hegemonia de um estilo de economia que sobrevive pelo acúmulo tem feito aumentar a morte, a fome, o número de refugiados, a escassez da água e tantos outros sofrimentos.

Em forma de prosa e poesia, tentei partilhar um pouco de nossa caminhada no livro *Brumadinho: 25 é todo dia* (FERREIRA, 2020). De acordo com a estratégia das mineradoras, quanto mais rápido esquecer, melhor. No entanto, nossa presença pastoral se faz na garantia da memória. Eram vidas, não números. Aos poucos, os projetos de resistência vão aparecendo, com possibilidade de abrir horizontes novos de vida. É uma luta mística. O grito por justiça e reparação integral ecoa em nossa voz como sinal da fé que professamos.

Sem proximidade pastoral junto aos atingidos, é impossível fazer caminho. Criar rede de afetos favorece a tomada de consciência de nova coletividade, que nasce do trauma. Em muitas situações, os atingidos se sentem abandonados. A presença de uma Igreja samaritana torna-se indispensável. Literalmente, é preciso pisar na lama. Dessa atitude nasce a profecia da denúncia e do anúncio. Quando não soltamos as mãos dos atingidos, eles nos motivam a viver verdadeiros processos de conversão.

Em muitas situações, pecamos pela divagação. Dizer, por exemplo, que devemos construir o Reino de Deus é uma coisa; outra coisa é nos reunirmos com o Coletivo de Atingidos e construir projetos concretos de agroecologia, de reformas para as capelas, de iluminação solar, participando de intermináveis reuniões. Há muito discurso sem obras concretas. Como afirma o papa Francisco: "Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças" (EG 49).

Os ritos são lugares privilegiados do cuidado. Essa dimensão simbólica é essencial na elaboração do luto, na representação das dores de um trauma, no encontro de uma palavra de sentido, ainda que se viva o absurdo de uma tragédia/crime. Acender uma vela pode ser a última coisa que resta para um corpo desesperado. Nosso "sarau pastoral" é um tempo de declamar poesias, de resgatar uma palavra, um gesto de vida no meio do caos. Hora da narrativa nova, que não se conforma com os padrões impostos pela comunicação maquiada de reparações violentas. Nesse sentido, a poesia é perigosa, porque ajuda a aprofundar as contradições da violência mortífera.

4. AS CHAGAS DE CRISTO E A IGREJA SAMARITANA

"Ele sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados." Com esse trecho da Oração Eucarística VI-D,

herdamos de Jesus essa proximidade extraordinária com os mais feridos de nossa carne humana. Em que sentido suas chagas são redentoras? No sentido de que, ao combater as posições políticas, sociais e religiosas injustas, foi crucificado, sendo coerente com o Reino de Deus que pregava. Como ele disse de si mesmo: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pois me ungiu para anunciar o Evangelho aos pobres [...]" (Lc 4,18-19). A morte redentora de Jesus é consequência de uma vida toda de amor.

Ele tocou, com acolhida, os corpos excluídos, e por isso o feriram até a morte. Carregou sobre si nossas dores para abrir o caminho de libertação: o sentido do sofrimento, nós o encontramos na paixão de Cristo, à qual somos incorporados (BOFF, 2003). E o que se espera de sua Igreja? Assim diz a Oração Eucarística VI-D:

> Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço a eles. Vossa Igreja seja testemunha viva da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se abra à esperança de um mundo novo (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2008, p. 864).

O Verbo se fez carne para que não desprezássemos nenhum corpo, por mais ferido que esteja (Lc 10,29-37). Afirma São João Paulo II na *Salvifici Doloris* – Carta Apostólica sobre o sentido do sofrimento humano – que, graças a tantas expressões de "bom samaritano" na Igreja e na sociedade, vemos claro que

> *os valores morais fundamentais,* como o valor da solidariedade humana, o valor do amor cristão ao próximo, compõem o quadro da vida social e das relações inter-humanas e aí fazem frente às diversas formas do ódio, da violência, da crueldade, do desprezo pelo homem, ou até da simples "insensibilidade", ou seja, da indiferença para com o próximo e os seus sofrimentos (SD 29).

CONCLUSÃO

No drama de nossas dores, nestes tempos de travessias, convoquemos a profecia de Maria (Lc 1,46-55). Força do Espírito que age desde os miseráveis. Há situações em que a única saída é sustentar Cristo na cruz. E esperançar os acenos pascais. O transbordar da presença misericordiosa, nos limites do sofrimento, toca o coração de Deus. Ele também padece conosco. De modo que nosso amor fraterno salva em nós a caridade que nos salva.

Assim afirmou outra mulher, antes de morrer nos campos de concentração:

> Uma coisa, porém, torna-se cada vez mais evidente para mim, ou seja, que Tu não nos podes ajudar, mas que somos nós que te ajudamos e, desse modo, ajudamos a nós mesmos. A única coisa que podemos salvar destes tempos, e também a única coisa que conta de verdade, é um pequeno pedaço de ti em nós mesmos, meu Deus (HILLESUM, 2012, p. 713).

Maria de ontem e tantas Marias de hoje. Na cruz do Calvário, no ódio genocida de Auschwitz, nas ditaduras latino-americanas, na lama criminosa de Brumadinho, nos hospitais, em época de pandemia. O amor persevera em Maria! Amor que acolhe o sofredor, mas também denuncia as causas injustas de seu sofrimento. vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução oficial da CNBB. Brasília: CNBB, 2018.

BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo, paixão do mundo.* Petrópolis: Vozes, 2003.

CARRARA, Paulo Sérgio; FERREIRA, Vicente de Paula. A mística de Etty Hillesum, interfaces com a espiritualidade cristã. *Interações*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 330-353, jul./dez. 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Missal Romano.* 12. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Vicente de Paula. *Brumadinho*: 25 é todo dia. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

_____. *Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo.* Aparecida: Santuário, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). Brasília: CNBB, 2013. (Documentos Pontifícios, 17).

_____. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (LS). Brasília: CNBB, 2020.

_____. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social (FT). Brasília: CNBB, 2020.

_____. *Gaudete et Exsultate*: Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual (GE). Roma: Tipografia Vaticana, 2018.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.

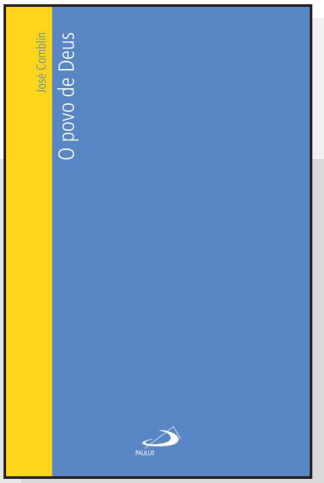
HILLESUM, Etty. *Diario*: edizione integrale. Milano: Adelphi, 2012.

JOÃO PAULO II, Papa. *Salvifici Doloris*: Carta Apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano (SD). Roma: Tipografia Vaticana, 1984.

SHIVA, Vandana; SHIVA, Kartikey. *Il pianeta di tutti*: come il capitalismo ha colonizzato la Terra. Milano: Feltrinelli, 2019.

O povo de Deus

José Comblin



416 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro resgata o conceito de povo de Deus ressaltado pelo Concílio Vaticano II. Não se trata de voltar aos textos do Concílio como se fossem pontos de chegada, mas de buscar a inspiração básica para um grande processo de mudança social e eclesial.

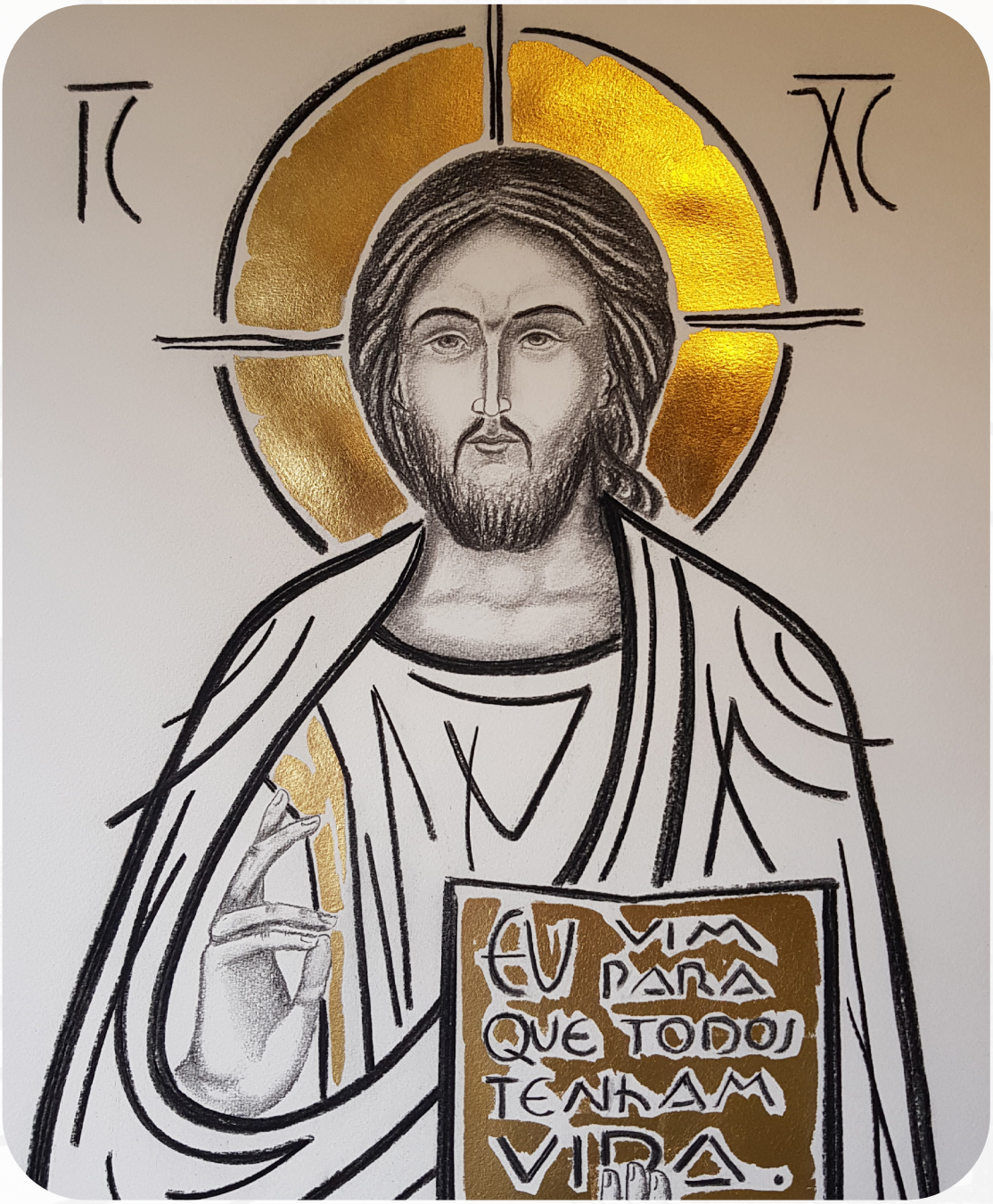
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

Eliseu Wisniewski*

*Pe. Eliseu Wisniewski é mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

APOROFOBIA:
ABORDAGEM DE UM PROBLEMA SOCIAL



Este texto discorre sobre a aporofobia, pontuando causas e caminhos para a sua superação.

Introdução

Fruto da 58ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o Estudo nº 114, intitulado "*E a Palavra habitou entre nós" (Jo 1,14): animação bíblica da pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias*, entende que, em sua missão evangelizadora, a Igreja se alimenta da Palavra de Deus, ao mesmo tempo que a compartilha com uma humanidade "faminta". Segundo os bispos, deparamos hoje com inúmeros desafios que não podem ser aceitos "em nome da Palavra de Deus e do Deus da Palavra" (n. 82); entre eles, o crescente número de pobres e as variadas formas de pobreza: "são milhões de irmãos e irmãs sem acesso ao mínimo necessário à dignidade humana, experimentando a fome, o desemprego ou sua precarização, a falta de moradia e de saúde, o banimento de suas terras, a migração forçada e tantas outras situações degradantes" (n. 82). Essa situação de extrema pobreza, em vez de "gerar atitudes de empatia, paz e misericórdia" (n. 86), tem gerado "indiferença ao clamor dos pobres" (n. 86) e "horror ao pobre" (n. 84). Para esse ódio, preconceito e desprezo aos pobres, "há algum tempo, cunhou-se um termo novo: 'aporofobia'" (n. 84).

Desse novo conceito é que nos ocuparemos nesta breve reflexão. Num primeiro momento, tomaremos consciência da forma como os pobres são vistos e tratados em tempos nos quais os preconceitos ganham a "máscara da sinceridade", produzindo um imaginário ou uma visão muito negativa sobre eles, acusados de preguiçosos, acomodados, vagabundos, boas-vidas, viciados, agressivos, perigosos, assassinos (AQUINO JÚNIOR, 2020, p. 113-147), o que favorece e estimula discursos e crimes de ódio contra os mais vulneráveis.

Sendo a aporofobia um atentado quase invisível contra a dignidade, os direitos e o bem-estar de pessoas que têm nome e sobrenome, num segundo momento nos deteremos sobre a contribuição de Adela Cortina no livro *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*, focando nas razões pelas quais é preciso dar um nome a esse tipo de rejeição e nas causas dessa patologia social.

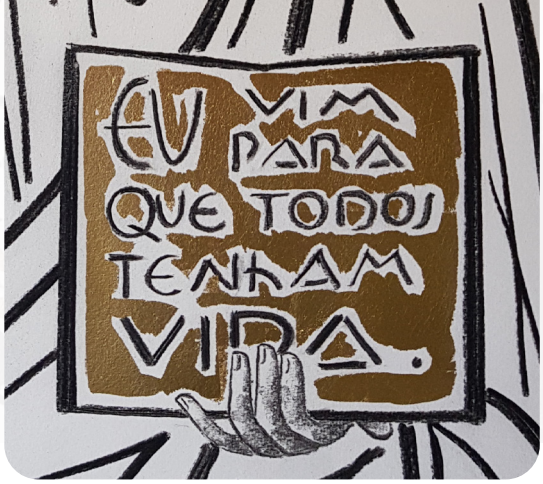
Por fim, apresentaremos alguns caminhos viáveis para o enfrentamento da aversão aos pobres, à luz da chave de leitura proposta pelo papa Francisco:

> Servir eficazmente os pobres incita à ação e permite encontrar as formas mais adequadas para levantar e promover esta parte da humanidade, demasiadas vezes anônima e sem voz, mas que em si mesma traz impresso o rosto do Salvador que pede ajuda. [...] Não se trata de serenar a nossa consciência dando qualquer esmola, mas antes contrastar a cultura da indiferença e da injustiça com que se olha os pobres (FRANCISCO, 2021).

1. Um nome como caminho para o reconhecimento de uma forma de discriminação

Os pobres estão no meio de nós, e o número deles tem aumentado desmesuradamente. Praticamente a metade da humanidade vive em situação de pobreza (agravada pela pandemia da covid-19) e de não reconhecimento de suas necessidades básicas. Para muita gente, eles são um incômodo, justamente pelo fato de serem pobres. Incomodam porque não trazem recursos nem realizam as expectativas do mercado, mas constituem um número sem fim de problemas e complicações. Para aquelas pessoas, é o

"A APOROFOBIA É UM TIPO DE REJEIÇÃO PECULIAR, DIFERENTE DE OUTROS TIPOS DE ÓDIO OU REJEIÇÃO, PORQUE, ENTRE OUTRAS RAZÕES, A POBREZA INVOLUNTÁRIA NÃO É UM TRAÇO DA IDENTIDADE DAS PESSOAS, NÃO É UMA QUESTÃO DE OPÇÃO."



pobre que, entre outras coisas, fará aumentar os custos da saúde pública, tomará posse dos bens alheios, dará despesas desmedidas ao Estado e acabará com o bem-estar da sociedade. Por isso, é um dever moral excluí-los.

É desse tema que se ocupou a filósofa Adela Cortina (2020). De acordo com ela, é preciso dar nome ao que está acontecendo. Foi assim que criou uma palavra própria para essa chaga social: *aporofobia (à-poros*, pobre, e *fobéo*, aversão), ou seja, o ódio, a repugnância ou a hostilidade ante o pobre, o sem recursos, o desamparado. Trata-se da ojeriza por determinadas pessoas que, na maioria das vezes, não são reconhecidas como tais, por terem a característica própria de um grupo determinado, considerado temível ou desprezível – ou ambas as coisas –, no confronto com o qual se experimenta uma espécie de fobia. É a fobia ao pobre que produz rejeição àquelas pessoas, raças e etnias que habitualmente não têm recursos e, portanto, são consideradas como não construtoras da sociedade e do bem-estar.

Esse neologismo criado por Adela Cortina foi muito importante para poder diagnosticar, com maior precisão, essa nova "enfermidade" social, tentar descobrir sua etiologia e propor "tratamentos" efetivos. Por mais incômodos que causem, certos fenômenos precisam ser nomeados para que possamos reconhecer sua existência, estudá-los e enfrentá-los, isto é, tirá-los do anonimato e desmascará-los. Nomear os fenômenos é apenas um caminho para o reconhecimento de certas formas de discriminação desumana contra a dignidade, os direitos e o bem-estar das pessoas e, consequentemente, de certas formas de exclusão social.

A aporofobia é um tipo de rejeição peculiar, diferente de outros tipos de ódio ou rejeição, porque, entre outras razões, a pobreza involuntária não é um traço da identidade das pessoas, não é uma questão de opção. Os que dela padecem podem se resignar e acabar agradecendo qualquer pequeníssimo gesto de caridade ou melhora de sua situação. Trata-se de questão que precisa ser denunciada criticamente, porque acaba mantendo na miséria os que nem sequer têm consciência dela, quando, na verdade, a pobreza econômica involuntária é um mal de que se padece por causas naturais ou sociais e que, a esta altura do século XXI, já poderia ter sido suprimido da face da terra, pois os meios para isso não faltam.

Ao longo dos séculos, evoluímos no entendimento de que os pobres não são culpáveis por sua situação ou responsáveis por ela, pois existem causas naturais e sociais que uma sociedade justa deve enfrentar e erradicar. Uma sociedade será justa se nela a justiça distributiva priorizar os menos favorecidos. Por isso, uma boa política antipobreza é a que, por um lado, promove as pessoas para que possam dela sair, empoderando moralmente os cidadãos como interlocutores válidos, sujeitos dignos de respeito, protagonistas da própria história, e, por outro, se opõe energicamente a toda espécie de ódio, desprezo, rejeição e exclusão por questões de cor de pele, raça, pertencimento étnico, convicção religiosa, ideologia, situação de incapacidade e, de modo especial, pobreza econômica.

Pobreza não é apenas carência dos meios necessários para sobreviver. É a falta de liberdade e a impossibilidade de levar a cabo os próprios planos de vida. Não há dúvida de que a pobreza expressa e reforça a discriminação entre as pessoas, na medida em que algumas têm mais do que precisam para viver e a maioria não tem sequer o necessário para sobreviver. Assim sendo, a pobreza involuntária é um mal que deve ser eliminado, porque é geradora de relações assimétricas que constituem a base da aporofobia. Esta, por sua vez, enquanto atitude vital, é o desprezo e a rejeição daqueles que se encontram em situações piores, tanto econômica quanto socialmente. A pobreza social e econômica converte as pessoas em foco de desprezo.

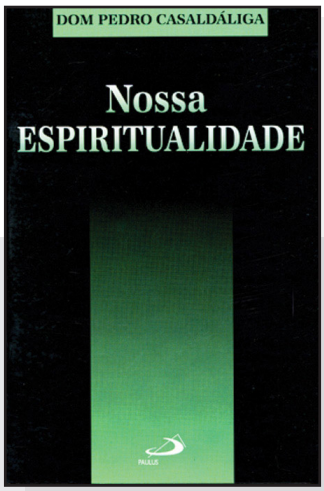
2. As formas da aversão aos pobres e algumas de suas causas sociais

Para Cortina (2020), a pergunta-chave consiste em saber se a fobia está em quem despreza ou em quem é desprezado. Ela sustenta que a fonte de onde surge o ódio e o desprezo é "o que odeia" e "não quem é odiado". A chave do ódio reside em quem odeia, não no coletivo objeto de ódio, porque aquele incorpora determinada fobia e sempre se justifica, culpando o coletivo desprezado e gerando outros dois tipos de patologias sociais: os incidentes de ódio e o discurso de ódio.

Esmiucemos suas características. Os incidentes de ódio se produzem quando há constância de um comportamento de desprezo e maus-tratos dirigido a certas pessoas por pertencerem a determinado coletivo; tal comportamento não cumpre o requisito para ser tipificado como crime. A atitude de desprezo aos outros é expressão de um caráter malformado, de uma situação degradada. Por sua vez, os discursos de ódio consistem em qualquer forma de expressão cuja finalidade seja propagar, incitar, promover ou justificar o ódio a determinados grupos sociais, a partir de uma posição de intolerância. Com esse tipo de

Nossa espiritualidade

Dom Pedro Casaldáliga



56 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Dom Pedro Casaldáliga nos convida a refletir sobre a espiritualidade cristã, que é, por definição, a espiritualidade de Jesus, segundo seu Espírito.

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

discurso se pretende estigmatizar determinados grupos e abrir as portas para que possam ser tratados com hostilidade. São expressões que implicam incitação pública à violência, ao ódio e à discriminação, traduzindo-se em insultos, difamações públicas por razões de raça, cor, língua, religião, nacionalidade ou etnia.

As injustiças sofridas em nível pessoal ou por grupos inteiros, humilhados e ofendidos, produzem indignação e podem se cristalizar em ódio. Naturalmente, as agressões podem se dirigir a pessoas concretas, mas não por causa delas próprias, e sim por pertencerem a determinado grupo. Em princípio, o discurso se dirige contra um indivíduo não porque este tenha causado algum dano ao outro, mas porque goza de um traço que o inclui em determinado coletivo, no coletivo dos "teus", que é diferente dos "nossos".

As vítimas não são selecionadas pela sua identidade pessoal, mas por pertencerem a um coletivo, dotado de um traço que produz repulsão e desprezo nos agressores. A causa da agressão é o desprezo a essa característica determinada, e não alguma experiência pessoal ruim anterior. O dano é dirigido contra um grupo determinado de pessoas não por serem elas mesmas, mas por serem "uma", "um", "uns", "umas". Esse artigo indeterminado parece justificar qualquer atropelo contra pessoas concretas ou qualquer ação para machucá-las física e moralmente, privá-las de autoestima, do acesso à participação pública e, até mesmo, da própria vida.

Estigmatiza-se e difama-se um coletivo atribuindo-lhe atos prejudiciais à sociedade, ainda que seja difícil comprová-los – se não impossível, porque, em certas ocasiões, remetem a uma história remota que foi gerando preconceito ou se formou por meio de murmúrios e fofocas. Situa-se o coletivo na mira do ódio precisamente porque as "lendas obscuras" pretendem justificar a incitação ao desprezo que a sociedade deveria sentir por determinado coletivo, segundo os inventores dessas lendas.

A pessoa que pronuncia o discurso ou que comete o crime de ódio está convencida da existência de uma desigualdade estrutural entre ela e a vítima; acredita estar numa posição de superioridade. A convicção é que existe uma hierarquia estrutural, na qual o agressor ocupa o lugar superior e o agredido, o inferior. Em todo caso, quem despreza assume uma atitude de superioridade em relação ao outro; considera que sua etnia, raça, orientação sexual ou crença é superior e que, portanto, a rejeição está legitimada. Este é um ponto central das fobias: a convicção de que existe uma relação de assimetria, de que a raça, a etnia, a orientação sexual, a crença religiosa ou ateia de quem despreza sejam superiores às de quem é objeto da rejeição. Por isso, o indivíduo se considera legitimado para atacar as atitudes, as palavras e, até mesmo, as pessoas.

O agressor serve-se do discurso para manter a sensação de superioridade, a visão deformada e deformante da realidade, e fortalecer sua superioridade estrutural e a identidade subordinada das vítimas. No entanto, é necessário perceber que esse discurso de ódio, que pode ou não levar a incitar a violência, é escasso ou nulo de argumentação. O agressor não pretende dar argumentos, mas expressar

"A POBREZA SOCIAL E ECONÔMICA CONVERTE AS PESSOAS EM FOCO DE DESPREZO."

desprezo, estimular que isso seja compartilhado e, dessa forma, justificar o desprezo ou a incitação à violência. Por isso se faz necessário elucidar a miséria do discurso de ódio, pois, do ponto de vista ético, quem rejeita e ofende estando no poder, seja este de que tipo for, rompe toda possibilidade de convivência justa e amistosa, rompe o vínculo com o humilhado e ofendido e degrada a si mesmo. Os discursos de ódio enfraquecem a convivência, rompem a intersubjetividade e cortam os vínculos interpessoais.

Além disso, esse tipo de discurso é monológico, e não dialógico. É monológico porque quem o pronuncia não considera seu ouvinte como um interlocutor válido, como sujeito dotado do direito de responder e entrar em diálogo, e sim como um objeto heterônomo que não merece respeito nenhum. Trata-se de um monólogo com forma aparente de diálogo. Quem profere discursos de ódio não reconhece os que são alvo de suas palavras como sujeitos com quem poderia estabelecer um diálogo, e sim como objetos que apenas merecem desprezo, estigmatização, manipulação e rejeição. Negar ao ouvinte capacidade de interlocução, tratá-lo como objeto, e não como um sujeito, supõe romper o vínculo de intersubjetividade que torna possível a linguagem humana e admitir que o discurso carece de sentido; supõe cometer uma contradição performática: aquela que existe entre o fato de tratar o interlocutor como objeto mediante um discurso que só pode se dirigir a um sujeito.

O discurso de ódio, em si mesmo, pode causar danos às pessoas; não é necessário que incite outros a matá-las, feri-las ou levar a cabo ações danosas contra elas. Falar é agir, é realizar uma ação que tem a capacidade de causar dano por si própria. Independentemente de a fala poder incitar uma ação violenta, o discurso é uma ação diferente da agressão posterior e pode, por si próprio, causar dano. Do ponto de vista ético, estigmatizar outras pessoas, condenando-as à exclusão, à perda de sua reputação e privando-as do direito à participação social, é algo, por si só, lesivo e destruidor de qualquer possibilidade de convivência justa. O fato de estabelecer uma relação assimétrica, de radical desigualdade entre "nós" e "eles", é algo que atenta contra os princípios mais básicos de um *ethos* democrático.

Os seres humanos nascem de uma relação, de vínculos. Não são átomos fechados em si mesmos, mas sobrevivem por sua solidariedade com o próximo e por sua defesa contra os estranhos – eis a chave do cérebro xenófobo. Paulatinamente, foram praticando a cooperação e a troca recíprocas com aqueles que podiam retribuir de algum modo, formando o "nós" do benefício mútuo, que exclui os *áporoi,* os que não parecem aportar vantagens no jogo de troca. Essa seria a raiz de nosso cérebro aporófobo, a raiz da aporofobia. Ainda que o ambiente atual tenha mudado substancialmente em comparação com as sociedades originárias, a espécie humana permaneceu essencialmente a mesma, biológica e geneticamente: continuamos com a moral dos grupos de benefício próprio. Nascemos com essa tendência de ignorar quem não nos oferece benefícios.

Os pobres são aqueles que parecem não ser capazes de oferecer algo nas sociedades baseadas no jogo de troca, no jogo das reciprocidades, o qual consiste em dar para poder receber, seja da pessoa a quem se dá, seja da pessoa que está autorizada a devolver de alguma forma. Essa é a dinâmica das sociedades contratualistas, que são, sem dúvida, muito superiores àquelas regidas pelo egoísmo selvagem. Tais sociedades, porém, excluem os pobres porque são submetidas ao "princípio da troca" e também ao "efeito Matthew", segundo o qual "quem tem mais recebe mais, e quem tem pouco, mesmo o pouco lhe será tirado".

3. Caminhos de correção

Cortina (2020) entende que, para produzir mudança na direção de ideais igualitários, é necessário contar com a educação na família, na escola, na mídia e no conjunto da vida pública. Ademais, é necessário construir os tipos de instituições e organizações que caminham nessa direção, porque não serão apenas justas, mas ajudarão a configurar pessoas com caráter justo. As instituições e organizações realizam tarefas mais ou menos acertadas, mas, ao mesmo tempo que educam, com sua mera existência e atuação influenciam na conformação do cérebro e do caráter pessoal e social.

Na prática, trata-se de criar instituições políticas, educacionais e culturais que busquem promover uma "neurodemocracia" em contraposição aos crimes e discursos de ódio contra os pobres, contra os mal situados em cada caso. No entanto, a política, a educação e a cultura não bastam, porque o peso das instituições econômicas e da vida econômica, em seu conjunto extraordinário, tem influência decisiva na configuração da forma de pensar e agir.

Cumpre traçar algumas propostas para a vida econômica. Em primeiro lugar, reduzir as desigualdades como forma de erradicar a pobreza e alcançar o crescimento. A pobreza é evitável, e o dever de eliminá-la não se baseia na ameaça que um mundo de pobres pode representar para o bem-estar dos bem situados; não se trata apenas de uma medida de proteção diante das externalidades negativas da pobreza para a vida comum. A questão não é tão somente de estratégia e prudência, mas de justiça: a vida sem pobreza é um direito das pessoas, ao qual corresponde o dever das sociedades de fornecer os meios para garanti-lo. É o que decorre do reconhecimento de que o ser humano tem dignidade, e não apenas um preço. Promover medidas de desenvolvimento junto às pessoas afetadas é a única forma de agir com eficácia e justiça. Criar instituições que eliminem a pobreza e reduzam as desigualdades é a melhor maneira de a economia ajudar a erradicar a aporofobia.

É basilar unir o poder da economia aos ideais universais num mundo globalizado. O processo de globalização tem sido possível devido ao progresso das tecnologias da informação e à expansão da economia, especialmente por meio da potencialização e mobilidade dos mercados financeiros. Num mundo parcial e injusto, o mais inteligente e justo é aproveitar novos recursos, dar corpo aos valores almejados pela civilização – os valores de uma ética cívica, que já fazem parte do cerne de qualquer atividade social, incluindo a atividade econômica – e traduzi-los em boas práticas.

Outra proposta é assumir a responsabilidade social empresarial não como uma questão cosmética, mas de prudência e de justiça, atendendo às expectativas – desde que legítimas – dos que são afetados pelas atividades das empresas. A responsabilidade social empresarial pode se tornar excelente instrumento de gestão, boa medida de prudência e exigência incontornável de justiça – um eixo triplo válido tanto para microempresas como para as pequenas e grandes empresas.

Importante será promover também o pluralismo dos modelos de empresas, cujos objetivos primordiais sejam o empoderamento das pessoas, a priorização da cooperação no lugar da concorrência, a assunção de um modelo democrático na tomada de decisões, o cuidado da ecologia, a geração de empregos e a orientação da sua atividade de forma ética.

Por fim, a economia e as empresas devem cultivar as diferentes motivações da racionalidade econômica, pois agir apenas por interesse próprio é suicídio. A reciprocidade e a cooperação também são essenciais, assim como a capacidade de fechar contratos e cumpri-los, criando instituições sólidas. Portanto, vale também a capacidade de retribuir, a simpatia e o compromisso de quem tenta

eliminar a pobreza alheia, empoderar o pobre, reconhecendo sua dignidade, e cuidar da natureza, atualmente extremamente vulnerável.

4. Convite final: educar para uma sociedade cosmopolita

Construir uma sociedade cosmopolita, na qual todos os seres humanos se saibam e se sintam cidadãos, é uma das exigências da educação de nosso tempo. Uma educação promissora para o século XXI tem a tarefa de formar pessoas abertas ao seu tempo, à sua realidade local e ao mundo; pessoas sensíveis aos grandes desafios, entre os quais o sofrimento dos pobres, frágeis e vulneráveis. Educar para nosso tempo exige formar cidadãos compassivos, capazes de assumir a perspectiva dos que sofrem e, sobretudo, de se comprometer com eles. VP

Referências bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, Francisco. Violência contra os pobres: um pecado contra o próprio Deus. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (Org.). *A moral do papa Francisco:* um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020. p. 113-147.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *"E a Palavra habitou entre nós" (Jo 1,14)*: animação bíblica da pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: CNBB, 2021. (Estudos da CNBB, 114).

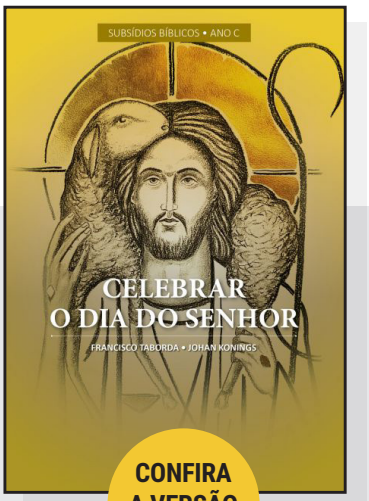
CORTINA, Adela. *Aporofobia*: a aversão ao pobre. Um desafio para a democracia. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*: "Sempre tereis pobres entre vós" (Mc 14,7), 14 nov. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornata-mondiale-poveri-2021.html>. Acesso em: 6 dez. 2021.

Celebrar o dia do Senhor

Vol. IV: Subsídios Bíblicos - ANO C

Francisco Taborda
Johan Konings



360 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA A VERSÃO E-BOOK

A obra contém orientações para o aprofundamento das leituras bíblicas da liturgia dominical e festiva no Ano C do ciclo trienal. Vai ajudar na preparação da celebração e da homilia.

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

Ercilia Simone D. Magaldi*

*Ercilia Simone D. Magaldi é professora, filósofa, pedagoga, mestre pela PUC e doutora pela Umesp em Cultura Religiosa. Diretora do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (Ijep). Autora de ***Ordem e caos*** e ***Pitágoras, o mestre de Samos*** (Eleva Cultural).

A PANDEMIA E UM NOVO HUMANISMO

Vamos refletir sobre a pandemia e o novo humanismo. Vivemos realmente um humanismo? Reconhecemos no outro nossa irmandade? Essa experiência aterradora poderá nos tornar mais humanos? Conseguiremos ressignificar a vida e nossas relações?

"Que humanismo vivíamos antes da pandemia, a qual está mudando todas as nossas relações? Poucos com tanto, e tantos com tão pouco. Onde a fraternidade, a liberdade e a igualdade se escondiam?"

INTRODUÇÃO

Vivemos uma era de grandes transformações. A comunicação e a tecnologia transformaram o planeta. Levamos milhões de anos para nos adaptarmos à Terra e, nos últimos 50 anos, mudamos tanto nosso entorno, que buscamos novas adaptações.

Ao pensarmos no manejo do plantio e na alimentação, no transporte, nos meios de comunicação e no avanço da medicina e das ciências, poderíamos acreditar que chegamos ao apogeu evolutivo. Ao Ponto Ômega, no dizer de Teilhard de Chardin.

Que humanismo vivíamos antes da pandemia, a qual está mudando todas as nossas relações? Poucos com tanto, e tantos com tão pouco. Onde a fraternidade, a liberdade e a igualdade se escondiam? Numa terra tão promissora, esquecíamos tantos despossuídos, retirantes, desabrigados, famintos, prisioneiros de sistemas injustos e tantas mulheres violadas, crianças abandonadas... Tanto sofrimento, e nós – a maioria de nós – cegos para todos eles.

Vamos fazer um percurso através desses questionamentos.

1. HUMANIDADE E HUMANISMO

Nossa humanidade está cega na alma, é uma humanidade que mata e morre por desacordos egoísticos. Uns lutam em nome de Deus, como se fosse possível Deus não ser uno. Outros lutam pelo poder. Carl Gustav Jung diz: "Pela lógica, o contrário do amor é o ódio; o contrário de Eros, Phobos (o medo). Mas, psicologicamente, é a vontade de poder. Onde impera o amor, não existe vontade de poder; e onde o poder tem precedência, aí falta o amor" (JUNG, 2006, § 78). Grande verdade: poder e amor não coexistem. Um exemplo vivo é o papa Francisco. Embora seja o pontífice, o dirigente de toda a Igreja católica, segue aquele que lhe deu o nome: São Francisco de Assis, o *Poverello*, O Pobrezinho de Deus. Seu exemplo é maior que qualquer título que lhe possa ser outorgado. O papa vê, não é cego à fraternidade, à igualdade e à liberdade. Como diz Chardin (1995), não basta ter olhos, é preciso saber ver. O papa se faz presente com seu testemunho de fé. Ele não tem vontade de poder, mas tem muito amor. Um exemplo para a humanidade que se avizinha nestes novos tempos.

Como, porém, pensar a humanidade? Diz Chardin (1995, p. 278):

> Humanidade: objeto de uma fé muitas vezes ingênua, mas cuja magia, mais forte do que todas as vicissitudes e todas as críticas, continua a atuar com a mesma força de sedução tanto sobre as almas das massas atuais como sobre os cérebros da "intelligenzia". Quer se participe de seu culto, quer se ridicularize esse mesmo culto, quem pode, ainda hoje, escapar à obsessão, ou mesmo à ascendência da ideia de Humanidade?

A humanidade causa atração, sedução. E quanto ao humanismo, o que entendemos por isso?

O humanismo surge na Itália, por volta do século XIV, como um movimento literário e filosófico, e acaba por se espalhar por toda a Europa, originando a cultura

moderna. Caracteriza-se também como qualquer movimento filosófico que considere como fundamento a natureza humana e os limites e interesses do ser humano. Ao longo da história, esse conceito – que começa em Protágoras: "O homem é a medida de todas as coisas" – sofreu alterações e acréscimos da parte de vários autores (ABBAGNANO, 2004).

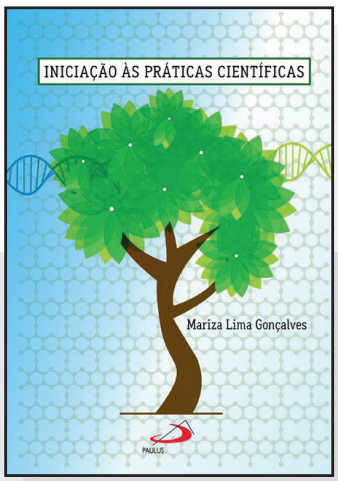
Quais os limites e interesses do ser humano do século XXI? Somos tão heterogêneos. Tão distintos em cultura, moral e política... Como avaliar o humanismo segundo os padrões contemporâneos?

Como disse Thomas Hobbes, "o homem é o lobo do próprio homem". É verdade. Temos uma moral (costumes e leis de uma época para determinado povo) própria do ego (centro da consciência, responsável pela percepção corporal e pela história de vida; atua se relacionando com o mundo interno, do inconsciente, e com o mundo externo, dos fenômenos que nos envolvem, e sua atuação é discriminatória por excelência). Temos também o *Self* (centro e totalidade psíquica, corresponde à imagem de Deus em nós, aquele que verdadeiramente dirige nossos passos), o qual, diversamente do ego, é ético – e a ética é atemporal e não espacial; podemos dizer que é a discriminação suprema. Assim, vemos o ser humano muito desconectado dessa esfera da totalidade psíquica, muito centrado no próprio ego, apartado de uma esfera gigante da humanidade.

O ser humano "egoísta", centrado nos interesses do próprio ego, pensa, antes de tudo – e algumas vezes, por infelicidade, unicamente –, em seus desejos e ambições. O outro não lhe afeta. Pura ilusão. Na esfera do inconsciente coletivo, somos todos UM. Não temos um inconsciente coletivo, é ele que nos tem. Esse inconsciente coletivo contém em si toda herança espiritual da evolução da humanidade. Como diz Jung, ele nasce sempre de novo na estrutura cerebral

Iniciação às práticas científicas

Mariza Lima Gonçalves



140 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A proposta deste livro é facilitar a elaboração de trabalhos na escola, dos mais simples aos mais complexos. O exercício da prática científica começa com passos bem direcionados.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

de cada um de nós. Não só a mitologia e as lendas constituem esse inconsciente coletivo, mas também toda a experiência repetitiva e fatos relevantes (arquetípicos) da história.

Dessa maneira, não estamos nunca separados dos outros seres humanos, mas somos internamente afetados por tudo que acontece no mundo. A separação é uma ilusão da consciência; no íntimo, estamos todos conectados, influenciando e sendo influenciados. Os sofredores de todo o planeta estão em nós. Os aflitos dos países em conflito, os famintos das periferias, os drogados exilados da humanidade, os atípicos, os desesperados, os doentes, os moribundos... Todos fazem parte do mesmo inconsciente coletivo, são influenciados por nós, mas também nos influenciam. Somos uma só humanidade, a separação é uma ilusão egoica.

Nossas *personas* ("máscaras" de adaptação coletiva, mediante as quais buscamos ser aceitos) não são nossa personalidade, mas atores que atuam, por meio de nós, em papéis sociais. Muitas vezes nos identificamos com esses personagens, perdendo a verdadeira noção de quem somos realmente. Muito mais séria, contudo, é nossa relação com o mundo. Vivemos de "projeções" do nosso mundo interno, nossa sombra (tudo que foi contido, rejeitado ou impedido de se manifestar), nosso lado trevoso (porque não está na luz da consciência), no qual existem tesouros de potenciais não desenvolvidos, mas, principalmente, o mal em nós. Tudo que não pode ser mostrado, que não é aceito, que é "pecado". Portanto, somos luz e sombra, bem e mal. Nossas polaridades nos fazem "humanos, demasiadamente humanos", como diria Nietzsche.

> "Os sofredores de todo planeta estão em nós. Os aflitos dos países em conflito, os famintos das periferias, os drogados exilados da humanidade, os atípicos, os desesperados, os doentes, os moribundos..."

Se reconhecêssemos isso, não daríamos curso a tantas discriminações, a tanto separatismo, a tanta falta de fraternidade. A humanidade seria uma comunidade de irmandade. Afinal, no íntimo, não somos tão diferentes daqueles que rejeitamos.

2. PANDEMIA

Avançamos em áreas primitivas, tomamos posse de lugares em que o ecossistema era preservado e desconhecido e, com isso, abrimos as barreiras de proteção de espécimes nocivas ao ser humano, das quais não tínhamos conhecimento.

Há alguns anos, o mundo todo entrou em choque com uma possibilidade epidêmica do ebola, vírus fatal ao ser humano. Conseguimos controlar. Agora, em era tão desenvolvida, em que o ser humano avançou tanto em conhecimentos os mais diversos, confrontamo-nos com uma pandemia.

O coronavírus chega dizimando um número imenso de vidas. Cria pânico, medo, desestabiliza a economia mundial, produz uma multidão de desempregados e famintos. E ainda não acabou. Não sabemos a real proporção dos danos, as sequelas possíveis, as mutações nos amedrontam porque desconhecemos o potencial dos males que podem provocar.

Porém, o mais cruel, o que faz doer, descredita no ser humano, é o descaso com que vários dirigentes encaram e enfrentam o problema. Ironizar os sofredores e mortos, desconsiderar o sofrimento de tantas famílias, propor saídas que a própria ciência justifica como não corretas, em meio a tanto terror, ignorar as saídas preventivas, como as vacinas,

as máscaras, o isolamento, desviar dinheiro público para fins escusos, dinheiro da saúde negociado a preço de sangue, de morte, de descaso, isso é o Mal.

3. O MAL

O mal é o oposto do bem na doutrina maniqueísta, donde veio Agostinho (conhecido por muitos como o Platão cristão). Ele, como convertido, precisou rever a natureza do mal. Nos *Solilóquios,* reflete: "Desejo conhecer Deus e a alma. E nada mais? Nada mais, absolutamente" (AGOSTINHO, 2021, I, 2). Deus e alma não requerem, para Agostinho, pesquisas distintas, porque Deus se encontra na própria alma.

> Deus está na alma e revela-se na mais recôndita interioridade da própria alma. Procurar a Deus significa procurar a alma e procurar a alma significa reclinar-se sobre si mesmo, reconhecer-se, na própria natureza espiritual, confessar-se [...]. Esta atitude não consiste em descrever para si e os outros as alternativas da própria vida interna ou externa, mas em pôr a claro todos os problemas que constituem o núcleo da própria personalidade (ABBAGNANO, 1969, p. 205).

Após seus anos de inquietação, em que se dissipou e divagou desordenadamente, Agostinho percebe que tudo o que buscava e de que precisava realmente era a verdade e que essa verdade é o próprio Deus:

> Não saias de ti mesmo, volta a ti próprio, no interior do homem habita a verdade; e se verificas que a tua natureza é mutável, transcende-te para lá de ti mesmo (*De vera rel.*, 39). Apenas o retorno a si próprio, o encerrar-se na própria interioridade é verdadeiramente o abrir-se à verdade e a Deus. É necessário chegar até o mais íntimo e escondido núcleo do eu para encontrar, mais além dele, a verdade de Deus (ABBAGNANO, 1969, p. 206-207).

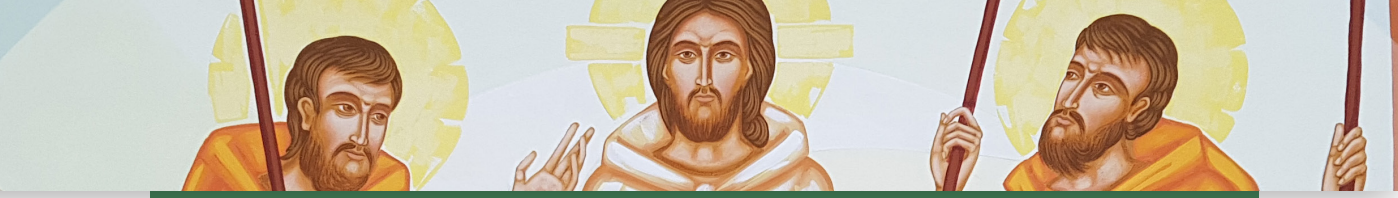
Deus é, pois, a incorruptibilidade, na medida em que é o próprio Ser. Donde, então, podemos imaginar a natureza do mal? O mal absoluto é o nada absoluto. O mal é o pecado e a deficiência da vontade que renuncia ao ser e se entrega ao que é inferior. Assim:

> Jung ressaltou a função moral da reflexão humana e da consciência no processo em que a imagem do deus patriarcal se transforma e concorre para uma estrutura interior do eu. O modelo de Jung não omite uma percepção consciente da sombra, que na teologia é expressa pela doutrina da substancialidade do mal (*A psychological approach to the Trinity*, p. 134; 136). Uma das raízes mais fortes do mal é a inconsciência. Eu gostaria que ainda estivesse nos Evangelhos a declaração de Cristo: "Homem, se sabes o que fazes, és bendito, mas, se não sabes, és maldito e um transgressor da lei". Esse bem poderia ser o lema de uma nova moralidade (SCHWARTZ-SALANT, 1992, p. 121).

Tomás de Aquino também admite a doutrina platônico-agostiniana da não substancialidade do mal: "o mal não é senão ausência do bem [...]. O mal é de duas espécies: pena e culpa".

Jung não compactua com a doutrina do mal como *privatio boni*, que entende que o mal é simples ausência do bem. Para Jung, é o contrário. Ele defende

> a realidade substancial do lado sombrio da psique. Do ponto de vista mitológico, este lado sombrio é o Demônio. Além disso, Jung acentuava que "a sombra e a vontade em oposição é a condição necessária a toda realização". Só com uma integração consciente da sombra é possível



"O mal é o pecado e a deficiência da vontade
que renuncia ao ser e se entrega ao que é inferior."

> a efetivação do numinoso positivo. Isso significa que um indivíduo vive com uma percepção aguda de sua natureza sombria, na qual há um alinhamento com a atração pela morte. Essa dinâmica inclui características psicopáticas que atuam sem qualquer sentido moral. Quando a sombra e as suas consequências destrutivas são integradas, o alinhamento consciente com o numinoso positivo torna-se uma questão ética, uma questão de escolha. Deve-se tomar o partido, ou de Deus, ou do Diabo. Só com a integração da sombra pode, de fato, o indivíduo desenvolver a força de ego necessária a um relacionamento ativo com o numinoso (SCHWARTZ-SALANT, 1992, p. 121).

Não podemos ignorar o mal para não sermos tomados por ele, como um complexo que se constela e assume o lugar do ego, porque, sim, o mal também está em nós; precisamos ampliar a consciência para não sucumbirmos ao nosso lado sombrio. Só com um processo de vontade consciente poderemos nos render ao *Self* (a imagem de Deus em nós) e adquirir forças para enfrentar esse lado nefasto em nós e na sociedade, principalmente em relação aos homens de poder. Empatia, essa é a chave. Ver o outro, sentir o outro como o irmão que, em verdade, ele é.

Apesar do Mal que, com tanta força, se constelou durante a pandemia, devemos buscar o Bom, o Belo e o Verdadeiro, e reverter, quanto possível, o desvario que atualmente assola a humanidade.

CONCLUSÃO

Boff (2000, p. 66-67) nos traz nova visão de mundo concebida por cientistas modernos:

> O grupo de cientistas de Princeton e Pasadena que buscam uma reaproximação entre ciência, filosofia e religião, autodenominando-se ambiguamente "neognósticos", sustenta, como tese fundamental de sua *basic cosmology*, que "o mundo é dominado pelo Espírito e é feito pelo Espírito". A metáfora dessa nova cosmologia é a do jogo. Como diz um cientista teólogo da Comunidade Europeia, "o jogo nos comunica a ideia de complexidade, de lógica não linear, mas também da implicação essencial dos jogadores e de sua criatividade; o ser humano não é mais espectador passivo de um mundo do qual se sente excluído". Essa cosmologia é integradora.

É oposta à sociedade misógina, opressora e excludente. É uma cosmologia que reinstaura a relação, o jogo. Este é o ensinamento da nova física: nada existe sem relação, e tudo depende de opções, do jogo que escolhemos jogar.

Essa é a chave. O novo humanismo deve principiar na "relação", no "jogo" do ser humano com seus iguais, com a natureza e com Deus. Entendemos que o Espírito permeia todo o cosmo.

A pandemia deve servir para nossa evolução espiritual. Precisamos aprender a servir, como diz Waldemar Magaldi Filho em suas aulas: "Quem não vive para servir não serve para viver". Que todas essas mortes, esse

sofrimento, esse isolamento nos aproximem do Sagrado para reconhecermos o mito do nosso Significado, o propósito da vida de cada um de nós.

Não podemos voltar aos velhos costumes egocêntricos, separatistas. Precisamos desenvolver novo modo de "jogar", em que cada um é imprescindível, em que nenhum ser fica fora da jogada, porque absolutamente esta é a regra: todos juntos.

O antídoto para o mal depende da conscientização de que somos luz e sombra, e de que o mal e o bem são opostos complementares que coabitam na nossa essência, para que possamos agir com a consciência e a lucidez da consequência dos nossos atos e das nossas omissões, assim como discernir se estamos servindo a alma ou apenas reproduzindo, cegamente, os padrões dominantes da *persona* materialista, competitiva e egoísta presente neste sistema excludente e destrutivo. **VP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de filosofía*. 4. ed. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

_____. *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1969. v. 2.

AGOSTINHO, Santo. Solilóquios. In: _____. *Solilóquios. A vida feliz*. São Paulo: Paulus, 2021. (Patrística, 11).

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 2000.

CHARDIN, Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, Carl G. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2006.

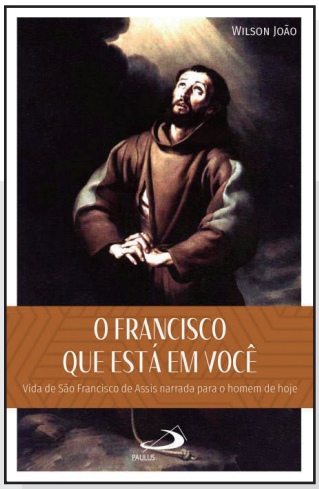
SCHWARTZ-SALANT, Natan. *A personalidade limítrofe*. São Paulo: Cultrix, 1992.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

O Francisco que está em você

Vida de São Francisco de Assis narrada para o homem de hoje

Wilson João



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro não é apenas a biografia de São Francisco de Assis, mas também um convite para você viver em plenitude a sua fé e o seu amor por Deus e pelos irmãos.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Rita Maria Gomes, nj*

*Ir. Rita Maria Gomes é natural do Ceará, onde fez seus estudos em Filosofia no Instituto Teológico e Pastoral do Ceará (Itep), atual Faculdade Católica de Fortaleza. Possui graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde lecionou Sagrada Escritura. Atualmente é professora na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). É membro do Instituto Religioso Nova Jerusalém, que tem como carisma o estudo e o ensino da Sagrada Escritura. *E-mail:* ritamarianj@gmail.com

Acesse também o programa Palavra Viva pelo QR Code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR que remetem para as plataformas digitais de músicas Spotify e YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Esses cantos também podem ser escutados – mediante a busca pelo nome dos respectivos CDs – no próprio *site* da Paulus (paulus.com.br), o qual disponibiliza as partituras.

3º DOMINGO DA PÁSCOA

1º de maio

Reconhecimento e testemunho do Ressuscitado

I. INTRODUÇÃO GERAL

No domingo anterior, a liturgia abordava a questão da identificação de Jesus ressuscitado como o mesmo que fora crucificado. A experiência de Tomé de tocar as chagas visava precisamente afirmar que o Crucificado e o Ressuscitado são "um e o mesmo". Neste domingo, continuamos, em nossa celebração pascal, a reflexão a respeito do reconhecimento do Cristo ressuscitado. Agora o ponto de partida é a partilha de uma refeição de Jesus com seus discípulos, como atesta o Evangelho deste dia. A primeira leitura traz o testemunho corajoso dos apóstolos diante do sinédrio, testemunho esse que ecoa na exaltação do Senhor, presente na resposta do salmo, e se liga com a segunda leitura, que atesta a adoração da comunidade fiel ao seu Senhor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 5,27b-32.40b-41)

A primeira leitura atesta o testemunho dos apóstolos a respeito de Cristo diante do sinédrio. Eles anunciam seu Mestre, sua vida e seus ensinamentos. O texto apresenta, ainda, a resistência ou incômodo que esse anúncio causa na classe dirigente da religião oficial. A razão da resistência é clara: os apóstolos não só anunciam o Cristo ressuscitado, mas também, junto a esse anúncio, denunciam aquelas lideranças por seu papel ativo no processo que desembocou na execução de seu Mestre.

A menção à responsabilidade das autoridades judaicas na morte de Jesus aparece duas vezes no texto. A primeira delas, na boca do sumo sacerdote, como memória dessa acusação. A segunda, na boca dos apóstolos, tendo Pedro como destaque. O fato de Pedro ser destacado nesse trecho se liga diretamente ao Evangelho, que testemunha seu chamado a apascentar o rebanho do Senhor.

2. II leitura (Ap 5,11-14)

A segunda leitura, tirada do Apocalipse, está intimamente ligada à primeira e ao Evangelho. Ela traz o testemunho celeste do Cristo. São os anjos e os santos, no céu, que reconhecem, exaltam e louvam o Cristo, a exemplo do que fizeram os

discípulos, na terra, diante do sinédrio. O rebanho do Senhor que fora confiado aos apóstolos, tendo Pedro como líder desse grupo, agora louva seu Senhor e pastor nas alturas celestes.

3. Evangelho (Jo 21,1-19)

O Evangelho deste domingo nos relata o encontro, à beira do lago, de Jesus com seus discípulos, com quem ele partilha uma refeição. Esse texto, chamado de "a pesca milagrosa", é narrado por João no final de seu Evangelho, distinguindo-se, assim, de Lucas, que o situa no início, no contexto do chamado dos primeiros discípulos. Para João, a pesca e a consequente partilha do alimento são expressões do reconhecimento do Ressuscitado como aquele que vivera com eles e fora crucificado. O Crucificado e o Ressuscitado são a mesmíssima pessoa. Essa é a experiência vívida que ilumina a mente e o coração dos discípulos. E isso não é tudo. Em João, à pesca e à consequente refeição segue-se o chamado de Pedro para apascentar as ovelhas do rebanho de Jesus. O texto conhecido como "primado de Pedro" nos sinóticos é, em João, um chamado a exercer uma missão, delegada a Pedro pelo Ressuscitado.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Uma primeira consideração a ser tecida relaciona-se com a questão do reconhecimento do Ressuscitado como o mesmo que fora crucificado. A melhor forma de atestar que o Ressuscitado não era um mito, uma invenção ou qualquer outro subterfúgio dos discípulos era reconhecê-lo como o Mestre com quem conviveram.

Aquele que aparecia diante deles não era uma ilusão ou um fantasma, por isso come com os discípulos, como fizera muitas vezes antes de sua morte. Esse texto, contudo, não fala apenas do Cristo: diz algo também sobre os cristãos. Estes serão reconhecidos pela partilha do pão, ou seja, pela comensalidade repetida em cada liturgia eucarística. Assim, o texto não testemunha apenas o Ressuscitado, mas, por antecipação, também os cristãos.

Uma segunda consideração nos leva a entender que essa experiência de encontro com o Ressuscitado permite aos discípulos a ousadia e a coragem de anunciar o Cristo e de testemunhar seus ensinamentos, ainda que sob o risco de serem presos e torturados. Com isso, adverte os cristãos de todos os tempos de que seguir a Cristo e anunciá-lo comporta o risco de sofrer o incômodo das estruturas injustas há muito estabelecidas. A incompreensão e a perseguição podem fazer e fazem, de tempos em tempos, parte da "herança" dos seguidores do Cristo. Enfim, somos chamados, como Igreja, a unir nossa voz à dos anjos e santos num canto de louvor ao nosso Senhor e Salvador.

4º DOMINGO DA PÁSCOA

8 de maio

A constituição do rebanho do Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

No domingo anterior, o Evangelho apresentou a experiência do reconhecimento do Ressuscitado como o mesmo que fora crucificado, a exemplo do que ocorrera no domingo precedente, não permitindo, assim, um desvirtuamento da pessoa de Cristo. Neste 4º domingo da Páscoa, o tema do reconhecimento aparece, mas de modo diferente, menos central. Somos chamados a refletir não sobre a identidade do pastor,

mas, sobretudo, sobre a identidade das ovelhas ou, simplesmente, do rebanho – embora a dinâmica de todas as leituras e também do salmo nos faça perceber algo sobre a identidade de ambos, pastor e rebanho.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 13,14.43-52)

Na primeira leitura, temos o testemunho de Paulo e Barnabé na sinagoga de Antioquia da Pisídia. Como bem indica o texto, era um dia de sábado, sagrado para os judeus. Num primeiro momento, a atuação deles parece bem discreta, mas na sequência se percebe uma mudança radical, apontada no texto pela indicação: "No sábado seguinte, toda a cidade se reuniu para ouvir a Palavra de Deus" (v. 44).

No entanto, os judeus, a quem primeiro se dirigiram os apóstolos, não acolheram o ensinamento, porque ficaram tomados de inveja quando viram a multidão que os ouvia anunciar. Diante da rejeição, os apóstolos se dirigem aos pagãos, que acolhem sua mensagem com muita alegria. Do anúncio de salvação em Cristo, testemunhado por Paulo e Barnabé, decorrem duas posturas: rejeição por parte dos judeus e alegre acolhida por parte dos gentios. Os que acolhem são aqueles que ouvem a Palavra de Deus, reconhecem a "voz" do Pastor na Palavra pregada.

2. II leitura (Ap 7,9.14b-17)

Na segunda leitura, encontramos novamente a questão do rebanho e do pastor. A afirmação primeira se refere ao rebanho, às ovelhas que "lavaram e alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro" (v. 14b) – ou seja, àqueles que se ligaram existencialmente ao Cristo-cordeiro, o Crucificado. Na sequência, a leitura fala da identidade do "pastor" como o Cordeiro. A imagem diz muito. O pastor das ovelhas, ou seja, do rebanho, é como um deles, é o Cordeiro. O pastor participa, de algum modo, da mesma condição de vida das ovelhas, o que permite não só o reconhecimento mútuo, mas também a confiança decorrente desse conhecimento.

3. Evangelho (Jo 10,27-30)

No Evangelho deste dia, a primeira coisa que o texto nos traz serve de critério para a identificação das ovelhas desse rebanho particular: elas escutam a voz do pastor e o seguem. O texto diz algo também do pastor: ele conhece as ovelhas e lhes dá a vida – não qualquer uma, mas a vida eterna. Isso não é tudo. Do conhecimento do pastor em relação às ovelhas e do reconhecimento da voz do pastor por parte delas decorre a compreensão de que elas nunca se perderão, não se extraviarão, nem ninguém poderá roubá-las, tomá-las de seu pastor.

O Evangelho ainda assegura a posse das ovelhas por parte de alguém maior. Elas foram dadas pelo Pai e ninguém pode arrancá-las da mão dele. De algum modo, as ovelhas pertencem ainda ao Pai, são do Pai e do Filho, porque eles são UM. Não existe possessão de bens de um e de outro, mas uma única posse do Pai e do Filho, como bem lembrou Lucas na parábola do pai misericordioso, quando este se dirige ao filho mais velho e diz: "Tu estás sempre comigo e tudo que é meu é teu" (Lc 15,31). A unidade da qual fala o texto é a garantia de que as ovelhas que permanecem com o pastor, que é o Filho, permanecem na posse do Pai.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Esta celebração, nas suas três leituras, fala, ao mesmo tempo, da identidade do pastor e da identidade das ovelhas ou do rebanho, bem como da ligação entre pastor e rebanho. O fio que os une é a escuta ou o ouvir, para ser mais fiel ao texto. Ouvir é o mandamento por excelência do povo

de Israel e, no Evangelho, aparece como o critério de reconhecimento: as ovelhas escutam a voz do pastor e, porque escutam, ele as conhece.

Na primeira leitura, novamente a escuta aparece como critério identificador, à diferença de que, ali, aqueles que têm por mandamento o "ouve, Israel" se recusam a ouvir a Palavra de Deus anunciada, enquanto os gentios, de quem não se exige tal conduta, a ouvem. Essa dinâmica de escuta e reconhecimento se completa na segunda leitura, que traz a imagem da recompensa dada àqueles que ouviram a voz do pastor e o seguiram. O Pastor-Cordeiro é o Cristo, divino-humano e, por isso, Salvador desse rebanho.

A imagem do Cordeiro-Pastor nos diz muito sobre Jesus Cristo e sobre nós mesmos. É a perfeita imagem da relação única de Cristo com a humanidade. O nosso pastor não é alguém distinto de nós, mas alguém como nós. Ele participa da nossa condição e sabe para quais pastagens nos conduzir, a fim de chegarmos em segurança ao redil de Deus.

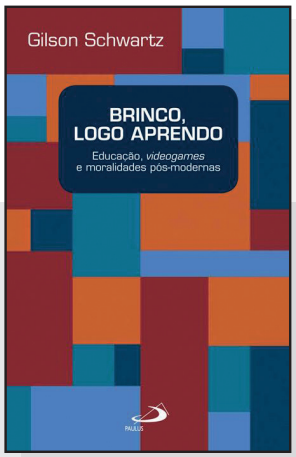
5º DOMINGO DA PÁSCOA
15 de maio

Eles serão o seu povo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do domingo passado nos convidava a pensar a identidade do rebanho do Pastor-Cordeiro, e a deste dia nos convoca para lançarmos mais profundamente o olhar para a ação de Deus na vida do Cristo, dos apóstolos e de todos nós, cristãos. As leituras nos levam a perceber Deus agindo e conduzindo-nos a ele, para sua maior

Brinco, logo aprendo
Educação, *videogames* e moralidade pós-modernas
Gilson Schwartz



344 págs.
Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra apresenta como os recursos tecnológicos estão cada dia mais presentes na realidade do jovem e propõe a inserção de *games* como recurso pedagógico.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

honra e glória. E esse louvor aparece na boca do salmista, ao dizer que seu louvor a Deus será eterno.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 14,21b-27)

A primeira leitura nos traz um relato, aparentemente apressado, da missão de Paulo e Barnabé. Esse é o trecho final da primeira missão deles. Com isso, continuamos a acompanhar o trabalho missionário dos apóstolos, especialmente de Paulo e Barnabé. Nessa leitura são mencionadas pelo menos sete cidades ou regiões.

No caminho, os apóstolos exortam os discípulos a permanecerem firmes na fé. Essa exortação, porém, está ancorada na afirmação: "É preciso que passemos por muitos sofrimentos para entrar no Reino de Deus" (v. 22). Tal afirmação só tem sentido se nos remetemos à paixão de Cristo.

Os discípulos seguem seu Senhor, cujo caminho foi de cruz. Sua glorificação foi a exaltação na cruz. O discípulo deve entender que sua vida não será diferente. Ao final, encontramos a "prestação de contas" da missão, com a nota de que tudo que fizeram, na verdade, foi Deus que fez por meio deles. E junto ao "tudo que Deus fizera" está a abertura da porta da fé aos pagãos (v. 27).

2. II leitura (Ap 21,1-5a)

A segunda leitura, tirada do livro do Apocalipse, traz a visão da nova Jerusalém que vem de junto de Deus. De acordo com a leitura, a primeira coisa que João vê é "um novo céu e uma nova terra. Pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe" (v. 1). Essa afirmação só tem sentido com o conhecimento do imaginário do mundo antigo, que concebia a criação como domínio do caos primordial, sendo o mar a imagem desse caos, que ameaçava constantemente a criação.

Ao dizer que "o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe", o autor anuncia uma realidade totalmente nova, que vem diretamente de Deus e, por isso mesmo, é a realidade definitiva.

Nada mais deve nos amedrontar. E a visão continua: "Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, vestida qual esposa enfeitada para seu marido" (v. 2). A imagem diz muito. Lembra o esplendor de uma festa de bodas. "Esta é a morada de Deus entre os homens" (v. 3): a nova Jerusalém representa a comunhão plena com Deus. Por isso, já não há espaço para dor, sofrimento, lágrimas, pois estas são realidades antigas, fazem parte de um passado imperfeito.

3. Evangelho (Jo 13,31-33a.34-35)

O Evangelho desta celebração tem uma aparência sapiencial em algumas de suas construções. Ele começa pela indicação da saída de Judas do cenáculo, referência velada à traição desse discípulo ao, até então, seu mestre. Até esse momento, não há nada de novo ou de intrigante. A sequência do texto, porém, traz uma mudança na expressão e no conteúdo.

A fala de Jesus parece um enigma. O texto é construído com base nestas palavras: glorificar, Filho do Homem e Deus. A primeira frase está construída com o tempo passado, e a segunda com o futuro. O tema da glória, no Evangelho de João, ocupa praticamente toda a segunda parte e indica que, para o evangelista, a glorificação é uma exaltação "às avessas", pois remete à paixão do Cristo.

A frase no passado indica que o primeiro ato – no caso, a traição de Judas – já iniciou o processo de glorificação do Filho do Homem e, nele, a do próprio Deus que o

enviou. A segunda, no futuro, aponta para o ápice dessa glorificação, que ainda será narrada: a cruz. Novamente, a glorificação do Filho é também a de Deus. Deus e seu enviado estão juntos no momento da exaltação na cruz.

O texto continua e mostra que o Senhor, sabendo que lhe resta pouco tempo com os seus, se despede deles, deixando a seus filhinhos uma "herança espiritual": o novo mandamento do amor. O amor com que eles deverão amar-se está alicerçado no amor com que o Cristo os amou, e esse amor será também o critério para que se saiba que eles são discípulos de Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O vínculo entre as leituras desta celebração não é facilmente detectável, mas é de uma profundidade impressionante. O sofrimento, a perseguição, a incompreensão e, por vezes, a morte são aquilo que liga o Cristo, crucificado e ressuscitado, com seus discípulos na continuação de sua missão. Todavia, a "paixão" que une o Mestre aos discípulos pela fidelidade a Deus é vista como "glorificação", exaltação e motivo de alegria.

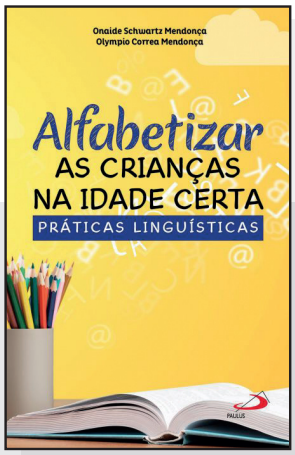
Essa íntima relação do Mestre com os discípulos se faz perceber também, conquanto seja uma "coincidência litúrgica", no fato de que a primeira coisa que os apóstolos fazem, na primeira leitura, é exortar à permanência na fé (cf. v. 22). "Permanecer" é verbo caro ao evangelista João, utilizado para falar da relação de intimidade que se estabelece com o Mestre e também com Deus Pai.

A permanência na fé uma vez abraçada tem sua recompensa. Ainda que não seja esse o motivo da sua fidelidade, aqueles que perseverarem gozarão a plenitude da vida, expressa aqui na visão da nova Jerusalém, a realidade totalmente nova que vem de junto de Deus. É a essa realidade nova que devemos aspirar.

Alfabetizar as crianças na idade certa

Práticas linguísticas

Onaide Schwartz Mendonça / Olympio Correa Mendonça



272 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro é recomendado aos professores, aos pais, aos educadores, aos estudantes e a todos os interessados em aprender a ensinar a leitura e a escrita da língua materna.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

6º DOMINGO DA PÁSCOA
22 de maio

O Espírito Santo ensinará todas as coisas

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nos domingos anteriores, contemplamos a presença do Ressuscitado no meio de seus seguidores, contemporâneos e atuais. Tratou-se de um momento privilegiado de alegre encontro com o Mestre e também de fortalecimento de seus ensinamentos. Agora, o Ressuscitado prepara os seus para nova forma de presença na ausência. Ele se despede de seus seguidores. É esse momento específico que somos chamados a vivenciar, na fé, nesta celebração do 6º domingo da Páscoa.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 15,1-2.22-29)

A primeira leitura nos traz o motivo da realização da "assembleia de Jerusalém" (At 15,3-21) e seu resultado: a decisão de enviar representantes da Igreja de Jerusalém, com Paulo e Barnabé, a Antioquia. A questão geradora da necessidade de uma viagem a Jerusalém foi o ensinamento de alguns membros dessa Igreja a respeito da circuncisão. Os "vindos da Judeia" podem legitimamente ser chamados de "judaizantes", porque ensinavam que era condição de salvação para os cristãos antioquenos, vindos da gentilidade, fazer-se circuncidar.

A circuncisão era exigência feita a todo e qualquer pagão que se convertesse ao judaísmo, e os "vindos da Judeia" queriam impor essa mesma condição aos irmãos procedentes da gentilidade que se propusessem aderir à nova fé. Se assim fosse, antes de assumir a fé cristã, seria necessário fazer-se judeu. Paulo e Barnabé, com toda razão, não aceitaram tal ensinamento, por ser desprovido de sentido. Esse tema foi amplamente discutido, e o resultado foi que a Igreja, representada na assembleia, não só acolheu a "liberdade paulina" relativamente a essa questão, mas também enviou seus próprios representantes para confirmar o ensinamento de Paulo e Barnabé, pois, do contrário, a condição para tornar-se cristão seria tornar-se antes um judeu. Isso aponta para o processo de distinção do grupo cristão em relação ao grupo judeu.

A decisão da assembleia de Jerusalém não é, porém, uma decisão puramente humana; é também divina, e isso se expressa no texto pela frase: "Porque decidimos, o Espírito Santo e nós…" (v. 28).

2. II leitura (Ap 21,10-14.22-23)

A segunda leitura nos traz a descrição da nova Jerusalém, que desce de junto de Deus e brilha com sua glória. Essa cidade tem coisas muito especiais, que chamam a atenção: a ausência de templo e a não necessidade de sol.

O templo é o lugar natural do encontro das pessoas com Deus, mas, nessa cidade, já não existe distância entre Deus e o ser humano e, portanto, não existe a necessidade de um lugar de aproximação. A comunhão está estabelecida.

Essa cidade também não necessita dos astros criados para presidir o dia e a noite (cf. Gn 1,14-19), pois o próprio Deus e o Cordeiro iluminam tudo. E mais: essa cidade tem uma muralha, tem por alicerce os apóstolos e tem portas nas quais estão inscritos os nomes das tribos de Israel. Isso revela que o povo de Deus que habitará a nova Jerusalém, os cristãos, vem de ambas as tradições religiosas e se compõe de judeus e gentios.

3. Evangelho (Jo 14,23-29)

No Evangelho deste dia, Jesus fala a seus discípulos algo um tanto intrigante para nossa mente moderna: "Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele nossa morada" (v. 23).

Separemos as afirmações para melhor compreender a mensagem. Nessa frase, a afirmação principal é a última: a promessa de que o Pai e Jesus permanecerão/morarão na pessoa. Essa promessa está condicionada ao amor que a pessoa tenha a Jesus e à acolhida de sua palavra. Essa palavra de Jesus é a palavra do Pai, que o enviou. Parece contraditório: ora a palavra é de Jesus, ora é do Pai. Como entender isso? A compreensão de que a palavra de Jesus seja também a palavra do Pai se sustenta em outra afirmação joanina célebre: "Eu e o Pai somos UM" (Jo 10,30).

Na sequência, Jesus ressuscitado recorda aos discípulos que nada disso lhes é novo, porque ele mesmo já tinha falado quando estava com eles (v. 25) – clara referência ao tempo de seu ministério público. Como se isso fosse pouco, o Senhor promete o Paráclito, o Defensor, que ensinará tudo, mas também recordará todo o ensinamento dado antes por ele.

Antes de ir-se, Jesus deseja a paz, que nada tem que ver com a *pax romana*, "a paz que o mundo dá" (v. 27), imposta pela força esmagadora de um exército forte, poderoso e assustador. Jesus ressuscitado consola os seus: "Não se perturbe nem se intimide o vosso coração" (v. 27); ou seja, não sofram, mas alegrem-se por mim, porque vou para junto do Pai. O texto termina com uma promessa: "Vou, mas voltarei a vós!" (v. 28).

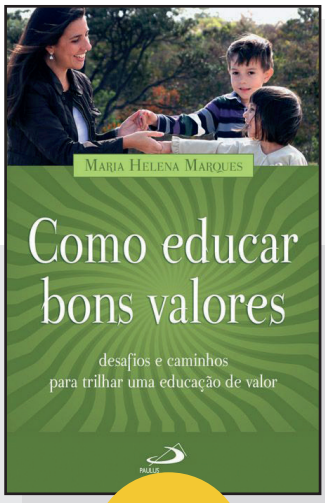
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras desta celebração nos conduzem ao reconhecimento da identidade dos cristãos, o novo povo de Deus. Esse reconhecimento é dom do Espírito e nos chega progressivamente.

Como educar bons valores

Desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor

Maria Helena Marques



160 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Esta obra é um manual prático e de reflexão para auxiliar, encorajar e apoiar pais e professores na desafiadora e encantadora arte de educar filhos e alunos.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

No Evangelho, o Senhor promete que o Pai enviará o Espírito e este nos ensinará todas as coisas. A primeira leitura atesta um momento crucial, no qual o Espírito Santo ensina algo fundamental sobre a salvação dos cristãos e, consequentemente, sobre sua identidade: a não necessidade de circuncisão para a salvação. A segunda leitura ratifica, de certo modo, esse ensinamento do Espírito Santo quando atesta a composição dos cristãos na imagem das portas e alicerces da cidade: as doze tribos de Israel e os apóstolos.

Os cristãos – portanto, a Igreja – têm como fundamento os apóstolos, mas seus membros vêm do judaísmo e da gentilidade, e formam um único povo de Deus, habitando uma cidade que não tem outro templo ou luz que não seja o próprio Deus e o Cordeiro.

ASCENSÃO DO SENHOR

29 de maio

A exaltação da humanidade na elevação do Cristo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A celebração da Ascensão do Senhor foi preparada pelos domingos precedentes e, particularmente, pela celebração do domingo passado, na qual o Senhor se despede dos seus, preparando-os para o momento especial que agora celebramos: sua ida/volta ao Pai. A resposta do salmo soa como um convite à alegria pela elevação do Senhor, pelo lugar que ocupa à direita do Pai nos céus, como nos diz o trecho da carta aos Efésios escolhido para esta liturgia. O Evangelho e a primeira leitura nos convidam a refletir sobre o significado da elevação do Senhor e a contemplar o grande gesto de amor de Deus por nós.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 1,1-11)

A primeira leitura é literalmente a continuação do texto do Evangelho, uma vez que inicia a segunda parte da obra lucana. Começa exatamente retomando e resumindo o anúncio de Jesus testemunhado no Evangelho de Lucas, "até o dia em que foi elevado para o céu, depois de ter dado instruções pelo Espírito Santo aos apóstolos" (v. 2). Retoma, a título de memória, as informações sobre as aparições do Ressuscitado e a ordem de não se afastarem de Jerusalém, mas esperarem o cumprimento da promessa do Pai de que eles seriam "batizados com o Espírito Santo" (v. 5).

A sequência do texto revela que os discípulos ainda não tinham compreendido completamente o ensinamento e a missão de Jesus, pois perguntam: "Senhor, é agora que vais restaurar o reino em Israel?" (v. 6). Esse questionamento mostra que os discípulos ainda pensavam o messianismo de Jesus na perspectiva da restauração do reino terreno, de uma independência política para o povo de Israel. A paixão e a ressurreição do Cristo não foram suficientes para modificar as expectativas messiânicas tão enraizadas em suas mentes e corações.

Por isso, Jesus responde que não lhes cabe saber os tempos e os momentos determinados pelo Pai, e acrescenta: "Mas recebereis o poder do Espírito Santo [...] para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria". Jesus muda o foco da questão, chamando-lhes a atenção para a missão de testemunhá-lo e prometendo-lhes que receberão para isso a força do Espírito. Eles serão atendidos, suportados pelo poder do Espírito. Logo depois disso, Jesus é elevado "à vista deles" (v. 9). Isso quer dizer que eles viram o Senhor sendo elevado.

Pelo fato de os apóstolos continuarem olhando para o céu, enquanto Jesus subia, "dois homens vestidos de branco" (v. 10),

ou seja, dois anjos, chamam a atenção deles: "por que ficais aí, parados, olhando para o céu?" (v. 11). Esse questionamento indica que é tempo de pôr mãos à obra, trabalhar, anunciar o Senhor, enfim, testemunhar. E o texto se conclui com uma promessa: Jesus vai voltar! (v. 11). O que aqui dizem os anjos, Jesus dissera no Evangelho da liturgia do domingo passado (Jo 14,23-29).

2. II leitura (Ef 1,17-23)

A segunda leitura, tirada da carta aos Efésios, amplia nossa compreensão do Evangelho e da primeira leitura. Como vimos, os relatos sobre a elevação do Senhor, razão de ser desta celebração, são muito sóbrios. Não existem detalhes sobre o fato, apenas se informa que o Senhor foi elevado e que os discípulos viam essa elevação acontecendo gradualmente. Jesus se afastou, indo em direção ao céu, e nada mais.

Esse trecho da carta aos Efésios traz uma reflexão sobre o lugar que o Cristo, uma vez ressuscitado, ocupa nos céus, e ressalta que o exercício de seu poder se dá em favor dos que creem. Tudo foi colocado "sob seus pés" (v. 22), ou seja, está sob seu domínio, como o Senhor soberano que é. Tudo isso é projeto de Deus para nós, por meio de Jesus Cristo.

A ligação indestrutível do Cristo com o resto da humanidade por sua encarnação se revela agora em sua elevação, quando a íntima união é expressa pela imagem do Cristo Cabeça da Igreja. Somos um com Cristo por sua encarnação e elevação. Somos seu corpo, e ele a Cabeça que rege e governa todo o corpo.

3. Evangelho (Lc 24,46-53)

O trecho que lemos no Evangelho deste domingo não deixa claro o lugar onde se encontram Jesus e os discípulos, mas a leitura do trecho anterior nos permite identificar. Eles estavam reunidos em Jerusalém, e isso nos alerta para o fato de que o relato sobre o qual somos chamados a refletir se passa em dois ambientes distintos. No início e no final, o grupo se encontra em Jerusalém, depois de uma incursão fora desta cidade, "até perto de Betânia".

Jerusalém tem grande importância para o evangelista, tanto que o Evangelho da infância começa ali, mais precisamente no templo; ademais, a seção central do Evangelho de Lucas está ambientada no caminho para Jerusalém e é seguida da última seção, que se dá naquela cidade; e o texto sobre o qual agora refletimos se conclui com uma referência ao templo de Jerusalém. Tudo converge para a cidade santa e, especificamente nesse trecho, Lucas dá a conhecer uma orientação de Jesus ressuscitado aos seus discípulos. Nela, Jesus faz memória de sua paixão e ressurreição, e diz que, em seu nome, a conversão e o perdão dos pecados seriam anunciados a todas as nações, começando por Jerusalém (v. 47).

Os discípulos serão as testemunhas autorizadas de Jesus, mas para isso contarão com a força do alto, aquele que fora prometido pelo Pai. É em vista desse envio que Jesus lhes ordena permanecer na cidade, ou seja, em Jerusalém. Porém, em seguida, ele os conduz para fora (v. 50) – entenda-se, "de Jerusalém". É num lugar afastado que Jesus se despede dos seus, e não em Jerusalém.

O relato é muito discreto e simples. Jesus abençoa seus discípulos e, enquanto faz isso, afasta-se deles e é levado para o céu. Não há nada de extraordinário nesse relato, a não ser a ausência, nos discípulos, de qualquer sentimento de tristeza ou de resistência pela separação do Mestre. Depois da adoração ao Senhor, enquanto era elevado, eles voltam alegres para Jerusalém e bendizem a Deus continuamente no templo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O sentido desta celebração encontra-se na relação indestrutível que se estabelece entre Deus e a humanidade na pessoa do Filho.

Ele é a chave de acesso ao Pai. A pergunta que fica quando lemos esses textos é: que significa a ascensão do Senhor? Diz respeito somente a Jesus e sua condição de Filho de Deus? Representa somente seu retorno para junto de Deus, para assumir "seu lugar" de Filho no seio da Trindade?

A resposta a essas duas últimas questões é não. Os textos não se referem somente a Jesus, mas dizem respeito também a nós e ao nosso destino último. Todas as leituras fazem referência a Jesus desde seu ministério público, passando por sua paixão e ressurreição, até chegar a esse momento de elevação, e toda a sua vida narrada nos textos sagrados tem relação conosco.

Uma vez que assumiu a condição humana pecadora e, por solidariedade, se fez pecado por nós, ele, ao assumir seu lugar soberano no céu, não o faz apenas segundo sua condição de Filho de Deus, mas também de filho da humanidade. Portanto, nele estamos também nós junto ao Pai. Celebrar a Ascensão do Senhor é celebrar a elevação de nossa humanidade. É celebrar nosso acesso à vida junto de Deus por Jesus Cristo. Que alegria para toda a humanidade!

PENTECOSTES

5 de junho

A promessa de Deus se cumpre: veio o Consolador!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A promessa que Jesus fizera aos seus discípulos de que não os deixaria sós se cumpre com o envio do Espírito. A liturgia deste dia foi preparada pela liturgia da Ascensão, pois, no Evangelho do domingo passado, o Senhor diz: "Eu enviarei sobre vós aquele que meu Pai prometeu" (Lc 24,49). Por isso, agora, celebramos a realização dessa promessa e somos convidados a nos alegrarmos com essa realização. O salmo do dia pede a vinda do Espírito e, com ela, a renovação de toda a obra da criação. Toda esta celebração é festiva e convoca à alegria!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,1-11)

No Evangelho, os discípulos recebem o Espírito pelas mãos de Jesus, que sopra sobre eles, numa experiência limitada ao seu grupo mais próximo. Nos Atos dos Apóstolos, a vinda do Espírito acontece durante a festa dos judeus conhecida como Semanas (Dt 16,9-12), Primícias (Nm 28,26) ou ainda como Pentecostes, pois era ligada à colheita e era celebrada sete semanas depois de iniciada a ceifa (Dt 16,9). Já Lv 23,15s estabelece que a festa seja celebrada 50 dias depois do oferecimento do primeiro feixe, donde provém o nome Pentecostes, que também identifica essa festa na versão grega do texto bíblico. Após as reformas de Esdras e Neemias, por volta do século V a.C., a festa foi ressignificada e passou a celebrar o dom da Lei no Sinai. Era marcada pelo júbilo e pelo entusiasmo, por isso todos deviam participar dela e alegrar-se.

O dom do Espírito é concedido ao grupo de discípulos, que estavam reunidos "no mesmo lugar" (v. 1). A imagem do vento e das línguas de fogo que se repartem e repousam sobre cada um dos presentes na casa segue o padrão narrativo das teofanias, mas o resultado é um pouco distinto. Em geral, nos relatos de teofania, o espanto e, por vezes, o medo apoderam-se daqueles que contemplam o acontecimento; aqui, os presentes começam a falar até mesmo em outras línguas, segundo a inspiração do Espírito. E todos os que ouviam os discípulos falar ouviam-nos em sua própria língua. Esse texto é uma imagem inversa do texto

da torre de Babel, no qual a confusão das línguas é a razão do desentendimento e da incompreensão entre os povos.

2. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13)

A segunda leitura traz uma orientação de Paulo à difícil comunidade de Corinto, marcada por divisões e por toda sorte de dificuldades. O apóstolo tenta conscientizar os coríntios de sua unidade fundamental, a pertença ao corpo de Cristo. Primeiramente, alerta para a responsabilidade da confissão do senhorio de Jesus, que só é possível no Espírito. Logo depois, alerta para o lugar de cada membro da comunidade no corpo de Cristo e faz isso pela referência aos dons do Espírito.

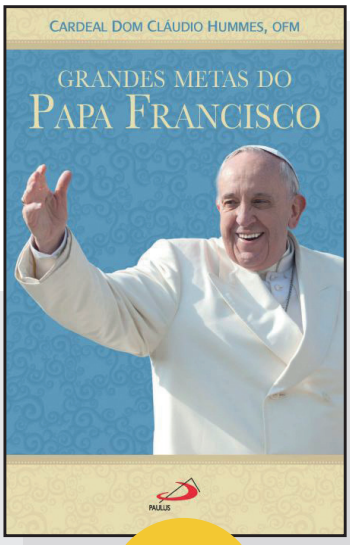
Paulo recorda que cada membro da comunidade tem seu lugar e função, e isso se revela pela manifestação do dom do Espírito, com a ressalva de que tal realidade não deve ser motivo de divisão ou separação entre os membros. Não é lícito a nenhum membro da comunidade sentir-se superior aos outros por causa do dom recebido do Espírito, uma vez que todos são membros do único corpo de Cristo. Paulo fundamenta esse entendimento no fato de que tanto judeus como gregos, tanto escravos como livres, foram batizados num único Espírito. Como um é o Cristo e um é o Espírito, os membros da comunidade formam um único corpo. A unicidade do corpo está fundamentada no Espírito, que os anima e orienta no testemunho e na confissão de fé no Cristo Senhor.

3. Evangelho (Jo 20,19-23)

O evento narrado no Evangelho desta celebração está bem situado no tempo: acontece no primeiro dia da semana (v. 19) – entenda-se, o domingo. O encontro com os discípulos se dá na sequência da narração do encontro de Maria Madalena com o Ressuscitado no sepulcro, experiência que ela lhes anuncia. Na tarde desse mesmo dia, Jesus aparece a

Grandes metas do Papa Francisco

Cardeal Dom Cláudio Hummes



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

A obra lembra e expõe, de forma breve, as principais grandes metas do pontificado do Papa Francisco. É uma homenagem ao seu aniversário de 80 anos.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

eles e lhes dirige, por duas vezes, a saudação: "A paz esteja convosco" (v. 19.21). Após a primeira saudação, mostra-lhes as mãos e o lado, e isso revela que eles estão diante do que fora crucificado. Os discípulos se alegram por verem o Senhor (v. 20). Essa alegria é característica dos tempos messiânicos, e eles estão cientes de que testemunham um acontecimento único na história de seu povo.

Depois da segunda saudação, Jesus confere aos discípulos uma missão: "Como o Pai me enviou, também eu vos envio" (v. 21). Em seguida, sopra sobre eles e diz: "Recebei o Espírito Santo" (v. 22). Jesus confere o dom do Espírito aos discípulos nos moldes do relato da criação, no qual Deus sopra o sopro da vida nas narinas do homem que moldou do solo e o torna um "ser vivente" (Gn 2,7). O dom do Espírito é derramado sobre eles, e Jesus os orienta sobre qual deve ser a missão desse grupo: perdoar pecados (v. 23). A missão dos discípulos é dar continuidade àquela de Jesus. Uma vez que a vida e a morte dele tiveram como meta a reconciliação da humanidade com Deus, cabe-lhes agora, como continuadores de sua missão, levar adiante esse serviço universal.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O Evangelho desta celebração traz ao menos dois temas importantes com relação ao dom do Espírito: a alegria e a missão. Os discípulos, diante do Ressuscitado-Crucificado, alegram-se. O Senhor sopra sobre eles e lhes concede o Espírito, que os capacitará para sua missão: a reconciliação da humanidade com Deus. A primeira leitura nos traz novamente o dado da alegria como característica própria da festa de Pentecostes ou das Semanas, assim como a temática da superação do impedimento linguístico para o anúncio dos discípulos.

A segunda leitura traz um dado que a liga à primeira: a ação do Espírito é responsável pela superação de dificuldades de entendimento. Se, na primeira, a falta de entendimento devia-se à diferença linguística, na segunda, encontra-se no nível das relações comunitárias. Ambas são ou devem ser superadas pela presença e ação do Espírito.

O dom do Espírito já não se encontra restrito ao povo de Israel, representado pelos discípulos, mas cumpre a missão confiada por Jesus, no Evangelho, de levar a reconciliação a todos os povos. O Espírito é o dom do Pai que, pela morte e ressurreição de Jesus, foi derramado sobre sua Igreja, mas não pode ficar aprisionado nela ou por ela. A comunidade dos seguidores de Jesus deve ser também instrumento de vinda desse Espírito, por meio da oração e da presença de Jesus em seu meio.

O Evangelho deste dia também nos chama a sermos reconciliadores no mundo; a travar uma luta a fim de que cessem os ódios, a violência, o descaso, o abuso e a corrupção moral, social e política. A Igreja partilha a vida de Jesus quando, ao receber seu Espírito, se compromete a lutar para que o Evangelho saia do papel impresso e seja gravado nas suas ações; quando se compromete a ser, ela mesma, lugar e instrumento de reconciliação interna e externa.

Há, na Igreja, pessoas diferentes, com dons e ministérios diferentes, e isso é graça de Deus. A completa igualdade na Igreja tiraria seu dinamismo e beleza. Importa reconhecer que o Espírito Santo é quem nos faz todos membros de um mesmo corpo, o corpo de Cristo. E a missão de Cristo de levar a humanidade à reconciliação plena com Deus agora deve ser realizada por meio desse corpo. Jesus, por sua paixão e ressurreição, reconciliou o mundo com Deus. Nós, seus representantes e enviados, somos chamados a dar a conhecer ao mundo essa reconciliação. A unidade do Espírito Santo agindo na diversidade de dons e carismas é sinal manifesto da presença de Deus no mundo por meio da Igreja, comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus.

SANTÍSSIMA TRINDADE
12 de junho

A dinâmica salutar do amor

I. INTRODUÇÃO GERAL

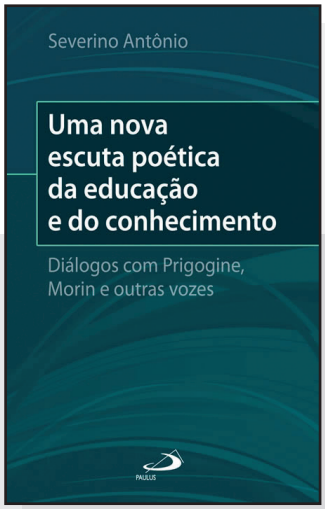
Na liturgia deste dia, celebramos a solenidade da Santíssima Trindade. Somos, assim, convidados a celebrar e contemplar o mistério de nossa fé: Deus uno e trino. Como é habitual, nossa liturgia foi prenunciada ou preparada pela liturgia do domingo anterior, Pentecostes. Na liturgia do domingo passado, contemplamos e celebramos o dom do Espírito, o Consolador, aquele que vem ser nosso auxílio para recordar os ensinamentos dados a nós por Jesus e nos ensinar o que for necessário. É dentro dessa missão do Espírito, de sua ação na vida da Igreja, que podemos confessar um Deus em três pessoas.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Pr 8,22-31)

A primeira leitura, tirada do livro dos Provérbios, traz o importante tema da personificação da sabedoria. À sabedoria foram aplicadas qualidades humanas, de modo que ela passa a ser percebida como uma pessoa. Essa sabedoria personificada foi interpretada pelos cristãos como protótipo da pessoa de Cristo. Tal releitura cristã é justificada pelos atributos da sabedoria: existente desde o início, junto de Deus na obra da criação etc. Essas qualificações tornaram possível a identificação da sabedoria com aquele que estava junto de Deus, o Verbo, por meio de quem tudo foi feito e fora do qual nada foi feito (Jo 1,1-3; Cl 1,16).

Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento
Diálogos com o Prigogine, Morin e outras vozes
Severino Antônio



144 págs.
Imagens meramente ilustrativas.

A obra propõe um ensino sobre as interpretações do mundo a partir de imagens, contextos e de novos processos de raciocínio. Apresenta a imagem do mundo como texto e a da existência humana como poema.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

A leitura nos ajuda a perceber que a ação criadora e salvífica de Deus é contínua. Isso significa que não há uma separação radical entre as ações de Deus em favor dos seres humanos no Antigo e no Novo Testamento, mas uma continuidade diferenciada. O Deus de Israel é o mesmo Deus de Jesus Cristo que, desde sempre, tomou a decisão de salvar sua criação e o faz se manifestando, comunicando-se com a humanidade, desejando participar da vida do ser humano e, assim, partilhar de suas dores, sofrimentos, alegrias, vitórias e derrotas.

2. II leitura (Rm 5,1-5)

A segunda leitura, tirada da carta aos Romanos, fala-nos da justificação pela fé, que se dá pela mediação de Jesus Cristo, e dos benefícios recebidos por esse acesso ao Pai: a reconciliação e a paz (v. 1). O texto de Romanos ainda joga com as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade (amor). As virtudes, principalmente o amor de Deus, foram derramadas nos corações humanos pelo Espírito que nos foi dado (v. 5).

A missão de Cristo é dupla: revelar o Deus uno e trino e conduzir a humanidade à salvação, ou seja, ao próprio Deus Trindade. Em Cristo e por ele, temos acesso à Trindade e participamos também da missão dele de revelá-la, porque o Espírito está em nós e nos transforma em cooperadores dessa missão do Filho, Jesus Cristo.

3. Evangelho (Jo 16,12-15)

O Evangelho traz pequeno trecho do discurso de Jesus conhecido como "discurso de despedida" (Jo 13-17). Nesse discurso, Jesus instrui os discípulos sobre vários assuntos e sabe que fala de coisas que os discípulos ainda não são capazes de entender. Por isso, aponta para um tempo futuro, no qual o Espírito, aqui qualificado como "Espírito da verdade", irá conduzi-los à plena verdade. O texto de João vai ainda mais longe e diz que o Espírito "não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido" (v. 13).

Como vimos nas liturgias dos domingos anteriores, o Espírito é um dom primeiramente do Pai, porque foi quem o prometeu, mas, na liturgia de Pentecostes, vemos que o Espírito é "soprado", concedido pelo Ressuscitado; portanto, é enviado também pelo Filho. Essa relação estreita entre Pai, Filho e Espírito é reafirmada no último versículo: "Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso disse que o que ele receberá e vos anunciará é meu" (v. 15). Assim, tudo o que o Espírito nos anuncia vem do Pai e do Filho. Esse trecho é claramente trinitário!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Como é possível ter acesso ao mistério da Santíssima Trindade, o qual nos parece tão impenetrável? O Evangelho nos informa que a experiência da Trindade passa pela ação do Espírito Santo em nós. Somente pela docilidade ao Espírito compreenderemos a relação íntima e profunda entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A vida e a missão de Jesus revelam a decisão de Deus Pai de caminhar com a humanidade desde o antigo Israel, com os patriarcas Abraão, Isaac, Jacó, José, Moisés, os profetas, os reis e todo o povo. Jesus escolhe os Doze e se revela como Salvador, mas o pleno entendimento só acontecerá quando a comunidade experimentar a ação do Espírito em seu meio. "Tudo que o Pai possui é meu", afirma Jesus no Evangelho (v. 15). O Espírito foi encarregado de nos revelar tudo sobre o Pai, de nos dar toda a compreensão dessa relação de amor.

Em Jo 14,9 Jesus nos diz: "Quem me vê, vê o Pai". Aproximamo-nos de Jesus pela força do Espírito; somos conduzidos a adentrar nessa fonte de vida que passa do Pai para o Filho e do Filho para o Pai por meio do Espírito, derramado abundantemente nos corações. Podemos afirmar que a Trindade é amor. Então, é esse mesmo amor que deve conduzir nossa existência. Que amor, porém, é esse? Como

fazer o amor ser verbo de ação em nossa vida? A conscientização de que, em Cristo, somos inseridos na Trindade nos compromete a decidir aceitar o desafio de usufruir desse transbordamento íntimo de amor e de nos pormos a caminho com nossos irmãos e irmãs, partilhando suas dores e alegrias.

Os roteiros homiléticos do Corpo e Sangue de Cristo podem ser acessados no *site* da revista.

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM
19 de junho

Cristo, fonte da purificação e da vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

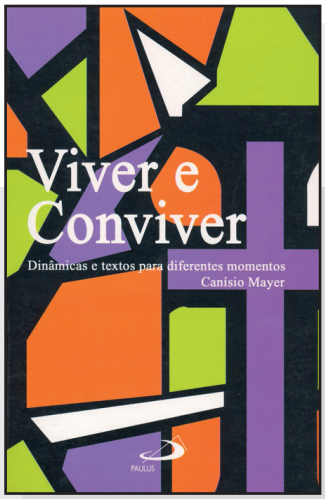
Passada a solenidade de Pentecostes, que encerra o tempo pascal, e a solenidade da Santíssima Trindade, voltamos para o Tempo Comum. Celebrando o 12º domingo do Tempo Comum, somos convidados a ver na vida de Jesus a promessa de salvação de Deus para cada um de nós. Na aparente contradição de sua paixão está a fonte que sacia nossa sede de Deus, expressa no Salmo 62.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Zc 12,10-11; 13,1)

A profecia de Zacarias, aqui contemplada na primeira leitura, parece estranha nesta celebração, mas a aparente estranheza serve de alerta para que busquemos o essencial nesse trecho. O texto começa situando a ação de Deus, que chega como promessa a um destinatário: "Derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de graça e de oração, e eles olharão para mim" (12,10).

Viver e conviver
Dinâmicas e textos para diferentes momentos
Canísio Mayer



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro traz uma série de dinâmicas e textos que podem ser utilizados em diversas atividades educacionais e religiosas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Deus vai preparar os judaítas para a chegada do Messias. O enigmático do texto, porém, é que o povo, a quem o enviado virá, só perceberá esse enviado diante do sofrimento e da morte, e então o chorarão como se chora pela perda de um primogênito. Esse texto de Zacarias parece ser devedor dos cantos do Servo de Isaías, porque a sequência do texto aponta para uma esperança que advém dessa situação mesma de sofrimento e morte: "Naquele dia, haverá uma fonte acessível à casa de Davi e aos habitantes de Jerusalém, para ablução e purificação" (13,1).

Esse trecho está construído de modo que a "a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém" apareçam no início e no fim, em clara inclusão. Para o profeta, a promessa da ação de Deus – entenda-se, o envio do Messias – tem um destinatário certo, e este é o povo judaíta, representado emblematicamente pelas figuras da "casa de Davi", na qual se assenta a expectativa messiânica da realeza, e, por extensão, pelos habitantes de Jerusalém. A promessa final ao povo, ainda enigmática, é a de uma fonte para ablução e purificação: o Messias padecente.

2. II leitura (Gl 3,26-29)

A segunda leitura, da carta aos Gálatas, fala sobre a condição daqueles que renunciaram a si mesmos e abraçaram a cruz de Cristo. A afirmação paulina é clara: em Cristo, todos os batizados se tornam filhos e filhas de Deus. Por isso, as categorias com as quais as pessoas eram classificadas e, assim, separadas perdem todo o sentido.

Daí o apóstolo poder dizer que já não existe nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher. Nenhuma dessas realidades deixou de existir de fato. A mudança se deu na valorização, ou não, das pessoas segundo essas distinções. Em Cristo, todos somos um só, e se somos de Cristo, somos da descendência de Abraão e temos direito à herança segundo a promessa de Deus a Abraão; ou seja, em Cristo todos somos abençoados.

3. Evangelho (Lc 9,18-24)

O trecho do Evangelho deste dia nos traz pelo menos três questões bem pertinentes. A primeira diz respeito à pessoa de Jesus, em relação com sua missão ou seu envio. Jesus interroga seus discípulos para saber o que o povo pensa e diz a seu respeito. As respostas são: João Batista, Elias ou um dos antigos profetas que ressuscitou (v. 19). Todas as respostas apontam para a tradição profética. Para o povo, Jesus é um profeta, e a discussão ou a incerteza consistem em saber qual deles Jesus é.

Jesus, contudo, não parece ficar satisfeito com a resposta incerta do povo e direciona sua pergunta aos discípulos: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (v. 20). Não é de uma multidão distante que deve vir o reconhecimento de quem ele é, e sim daqueles que o acompanham de perto e, espera-se, o conhecem. Pedro responde, em nome dos outros discípulos e em seu próprio nome: "O Cristo de Deus" (v. 20). Sua resposta é simples e direta: "Tu és o Messias de Deus", o ungido, enfim, o enviado por Deus. Dizer que Jesus é o Messias é dizer que ele é aquele esperado para resgatar o povo de Deus e trazer-lhe a salvação da parte de Deus.

No entanto, Jesus proíbe severamente que se divulgue essa informação. Tal proibição faz que o ouvinte entenda que a resposta de Pedro foi adequada, mas há algo mais. Esse algo mais é a segunda questão a ser considerada nesse texto: a chamada "predição da paixão". Não é tempo ainda de falar, porque Jesus é Messias que passará pelo sofrimento, deverá ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e doutores da Lei – entenda-se, pela liderança religiosa de seu povo –, para depois ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. O texto de Lucas é perspicaz: diz que

Jesus deve "ser morto" (v. 22), não que "deve morrer", indicando, assim, que a morte de Jesus não é natural nem desejada por Deus simplesmente, mas tem responsáveis por ela.

A terceira questão presente no Evangelho do dia não se relaciona diretamente com Jesus, e sim com seus seguidores – do seu e do nosso tempo. A questão agora versa sobre a adesão a Jesus Cristo. O Senhor nos diz quais as condições necessárias para sermos seus discípulos. A formulação de Lucas novamente impressiona, pois começa com um "se", revelando a liberdade de decisão para o seguimento. O "se" acentua a possibilidade de acolhida livre do chamado ao seguimento de Jesus. Quem quer que decida segui-lo terá de "renunciar a si mesmo e tomar a cruz" (v. 23). A tomada da cruz exige a renúncia de si, pois quem se ocupa apenas de si não poderá nunca compreender a cruz, já que ela é o símbolo máximo da doação e da negação de si em vista dos outros.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras desta celebração convergem na figura de Jesus Messias padecente. Enquanto Messias que padece, morre e ressuscita, ele é a fonte para a purificação e salvação do povo, anunciada na profecia de Zacarias. Como fonte de purificação e salvação, ele é acessível a todos os que o buscam, uma vez que estejam preparados pelo "espírito de graça e oração" para assim reconhecê-lo.

Por isso, Paulo pode falar do batismo como revestimento do Cristo. A fonte da profecia de Zacarias dizia respeito à "ablução e purificação", ou seja, tinha o aspecto de ritual de purificação para o encontro com o sagrado, prática habitual no mundo judaico. O batismo em Cristo, do qual fala Paulo, torna desnecessários os rituais de purificação, pois todos se revestem do Cristo. Isso significa que Cristo é a fonte de purificação e, portanto, de salvação.

No momento em que vivemos a negação de tantos direitos, conquistados a duras penas, e nos assaltam os fantasmas do desrespeito aos direitos de muitas categorias de trabalhadores, que a máxima cristão-paulina – "não há mais nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher" – ressoe em nossa mente e coração, e nos ajude a não nos deixarmos manchar pelas injustiças institucionalizadas que não revelam o Cristo, antes o crucificam novamente.

13º DOMINGO DO TEMPO COMUM

26 de junho

(Por Celso Loraschi*)

*Mestre em Teologia Dogmática com concentração em Estudos Bíblicos, professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos na Faculdade Católica de Santa Catarina (Facasc). *E-mail:* loraschi@facasc.edu.br

Vocação: liberdade e fidelidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Bíblia relata muitos episódios de vocações: de Abraão, Moisés, Samuel, dos profetas e de muitos outros. Por meio dessas pessoas, Deus comunica seu plano de amor, estabelece aliança com seu povo e ensina o caminho da fidelidade. A vocação profética, de maneira especial, nasce de uma profunda experiência de Deus no meio da realidade de sofrimento em que o povo está imerso. Elias, considerado o pai dos movimentos proféticos, vive junto às vítimas do regime monárquico de Israel, solidarizando-se com elas. Anuncia a vontade de Deus, denuncia as falcatruas dos grandes e realiza sinais de libertação em meio aos pequeninos e pobres. O profeta é portador do projeto de Deus, o qual precisa ser continuado na história. A pessoa cumpre sua missão e passa,

mas o projeto de Deus não pode passar. Eis, então, que surge a vocação do profeta Eliseu (I leitura). Jesus chama os discípulos para ficarem com ele, ensina-lhes e revela-lhes a vontade do Pai, realiza diante deles sinais de libertação no meio do povo necessitado e envia-os para anunciar o Evangelho e libertar as pessoas de toda espécie de mal. Em que pese a missão recebida de Jesus, os discípulos manifestam dificuldades para entendê-lo e aderir plenamente ao seu seguimento. O apego a seguranças pessoais impede a liberdade necessária para seguir verdadeiramente a Jesus (Evangelho). Dentro de nós, carregamos a tendência para os instintos egoístas. Podemos vencê-los se nos deixamos guiar pelo Espírito Santo. Ele nos torna livres em Cristo para uma vida nova na graça de Deus (II leitura). A vocação, portanto, é convite de Deus para a plena realização humana, somente possível se nos desvencilharmos de tudo o que impede a ação amorosa de Deus em cada um de nós e na humanidade inteira.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 19,16b.19-21)

O profeta Elias dedicou sua vida à causa da justiça divina, em favor das pessoas desprotegidas. Seu nome significa "Javé é meu Deus". É portador do projeto do Deus que libertou o povo da escravidão do Egito e lhe deu uma terra "onde corre leite e mel". Nessa terra, o povo, organizado em tribos, procurou viver a proposta de um poder descentralizado e de uma economia baseada na partilha, segundo a necessidade das famílias. Tudo mudou com o regime monárquico. Elias, cuja atuação profética se dá ao redor do ano 860 a.C., especialmente durante o governo de Acab, levanta a bandeira da proposta javista como caminho de restauração do direito e da justiça. Tendo a Javé como seu Deus, Israel poderia libertar-se da corrupção e mudar sua história.

Elias, inspirado por Deus, preocupa-se com a continuação de sua missão profética. A pessoa tem seu tempo histórico. O projeto de Deus, porém, não pode parar. O movimento profético vai continuar agora com Eliseu. A narrativa da sua vocação é reveladora. Transmite a intenção subjacente ao texto.

Eliseu é trabalhador da roça. Com 12 juntas de bois, cultiva a terra juntamente com outros trabalhadores. Ele conduz a última junta. A ligação simbólica com as 12 tribos é provável neste relato. Assim como Elias, também Eliseu é portador do ideal de uma sociedade governada segundo o projeto de Deus. Ao colocar sobre Eliseu seu manto, Elias lhe transmite a autoridade profética. Imediatamente Eliseu deixa sua profissão e se despede de sua família. Sacrifica a junta de bois e partilha a carne com seus companheiros, aproveitando a madeira do arado para cozinhá-la. Depois, levanta-se e segue Elias. Está em plena liberdade para exercer a missão profética.

2. II leitura (Gl 5,1.13-18)

Um dos problemas sérios que Paulo enfrenta em sua missão é a influência dos pregadores judaizantes, que insistiam na necessidade de os cristãos cumprirem certas normas judaicas, querendo obrigá-los a serem circuncidados. Diante dessas pregações persistentes, alguns membros das comunidades ficaram um tanto abalados e cheios de dúvidas. Geravam-se discussões e intrigas entre grupos com diferentes interpretações. Para Paulo, está totalmente superada a fase da Lei como condição para a salvação. O tempo da minoridade passou. Jesus Cristo nos libertou de todo tipo de escravidão, também a da Lei. Assim, todas as pessoas, independentemente da proveniência, recebem o privilégio de pertencer ao povo santo de Deus.

Há pessoas na comunidade, porém, que interpretam a liberdade como caminho de satisfação de interesses pessoais. Mas não!

A liberdade em Jesus Cristo não é pretexto para satisfazer os instintos egoístas. Pelo contrário, é a qualidade que fundamenta o amor mútuo. A pessoa livre em Cristo põe-se inteiramente a serviço dos outros.

Paulo, então, contrapõe os instintos egoístas (ou os "desejos da carne") às obras que provêm do Espírito Santo. São duas maneiras de viver. Os frutos são diferentes. A vida no Espírito é o jeito característico de quem foi libertado pela morte e ressurreição de Jesus. Assim como Jesus, conduzido pelo Espírito Santo, viveu a vontade do Pai, entregando-se por inteiro para a vida do mundo, também os cristãos recebem a graça de uma vida nova, que se manifesta no amor-serviço.

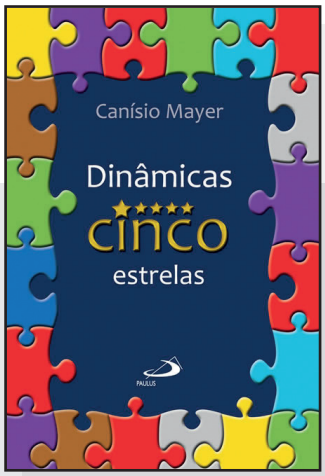
3. Evangelho (Lc 9,51-62)

O texto situa o exato momento em que Jesus toma a firme resolução de ir a Jerusalém. Inicia-se o "êxodo" de Jesus, cujo principal objetivo é educar seus discípulos, abrindo-lhes os olhos a respeito das condições e consequências do seu seguimento. No texto do domingo passado (Lc 9,18-24), os discípulos, por meio de Pedro, haviam declarado a Jesus que ele era o "Messias de Deus". Não sabiam, porém, o verdadeiro significado dessas palavras. A concepção triunfalista de messianismo predominava em sua mente. Isso já havia ficado evidente pelo tipo de discussão que tiveram logo depois da confissão de Pedro: quem deles seria o maior? (9,46-48). Fica evidente também pela atitude de Tiago e João diante da hostilidade dos samaritanos. Estes são inimigos ferrenhos dos judeus. Certamente os dois mensageiros que Jesus havia enviado à sua frente deviam ter preparado os ânimos dos samaritanos. Parece, todavia, que fracassaram. O que disseram e como fizeram? O fato é que sua missão não foi eficaz. Jesus repreende a Tiago e João e dirige-se para outro lugar (v. 51-56).

No caminho, são descritas três espécies de vocações. Nelas os discípulos devem reconhecer-se. Em cada uma delas, Jesus define

Dinâmicas cinco estrelas

Canísio Mayer



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra é um convite à reflexão sobre a vida. São dinâmicas que nos ensinam silenciarmos o coração, sermos felizes, termos sonhos e esperança.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

quais devem ser as verdadeiras atitudes dos seus seguidores e seguidoras. O texto é elaborado de tal modo, que situa no centro um chamado feito diretamente por Jesus. A primeira e a terceira personagens desejam seguir Jesus por iniciativa própria. As três são personagens sem nome e, portanto, representativas de todas as pessoas discípulas de Jesus. Lucas quer enfatizar as exigentes condições para o seguimento.

A primeira demonstra disposição incomum: "Eu te seguirei para onde quer que tu fores" (v. 57). A expressão faz lembrar as palavras de Pedro um pouco antes de negar Jesus: "Senhor estou pronto a ir contigo à prisão e à morte" (Lc 22,33). A resposta de Jesus à primeira personagem alerta para a necessidade de ruptura com as seguranças e confortos que impedem a prontidão permanente. As "tocas" e os "ninhos" estão ligados à acomodação do poder em suas instituições. Nesse sentido, não é por acaso que Jesus vai chamar Herodes de "raposa" (Lc 13,32).

A terceira personagem também se oferece espontaneamente para seguir Jesus, com a condição de despedir-se primeiro do pessoal de sua casa. A expressão grega denota o sentido de desvencilhar-se de uma incumbência. A personagem demonstra indecisão, própria de quem tem dificuldades de desapegar-se dos seus negócios e de quem ainda está amarrado a laços afetivos prejudiciais à liberdade e à autonomia necessárias para responder ao chamado divino.

A personagem central é convidada por Jesus. Está, porém, ligada às tradições paternas. Jesus pede-lhe que deixe o passado para entrar na nova dinâmica do Reino de Deus. Lembra a dificuldade manifestada pelos discípulos de desatrelar-se da ideologia judaica.

Os três tipos de vocações sintetizam as atitudes que devem caracterizar o verdadeiro discipulado. A liberdade deve ser radical, para que a opção pelo Reino seja feita com inteireza.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

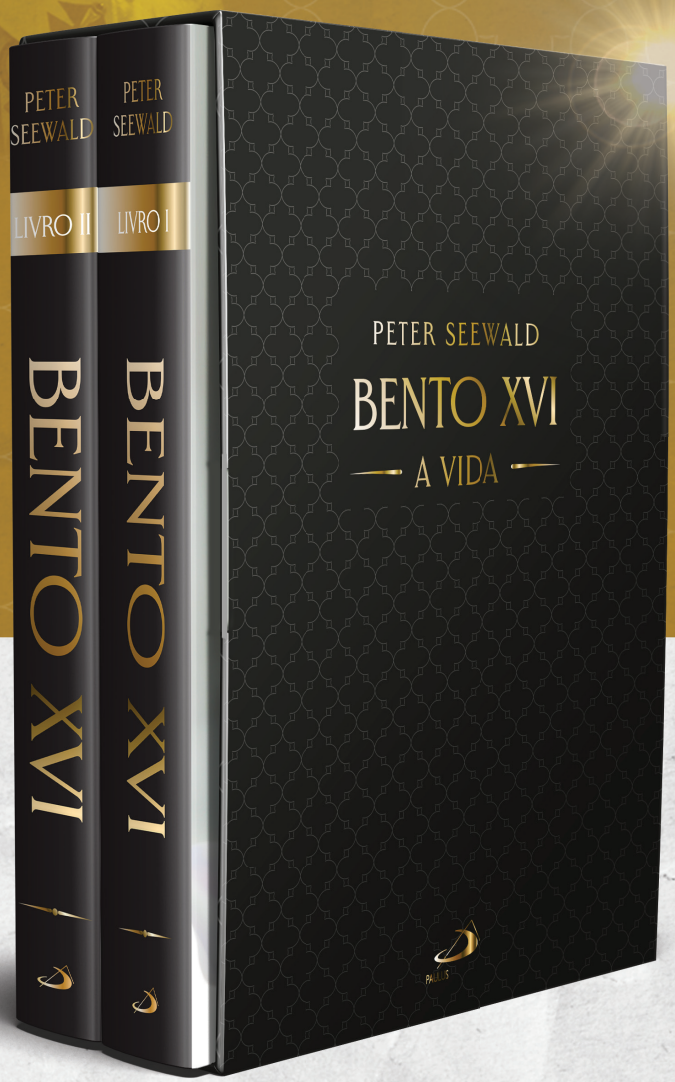
Todos somos chamados por Deus à vida e à santidade. A cada um Deus se revela de maneira original e convoca para viver segundo sua vontade. Ele conta conosco para irradiar seu plano de amor em atos e palavras. O profeta Elias é exemplo de disponibilidade e de dedicação ao projeto de Deus. Preocupa-se com a continuidade da missão profética e, por isso, sob a inspiração de Deus, transmite o chamado a Eliseu. Como ele, podemos nos desapegar de todas as coisas que impedem a vivência plena da vocação que Deus nos dá.

Também o Evangelho alerta para a importância de cultivar as condições para seguir Jesus: não proteger-se em "tocas" nem acomodar-se nos "ninhos" dos interesses pessoais e das instituições de poder; libertar-se das amarras econômicas e afetivas para viver a necessária e saudável autonomia no compromisso vocacional; romper com as tradições passadas para abrir-se à novidade de Deus na história presente, novidade que se manifesta por meio de sinais que nos desafiam ao compromisso em torno de um mundo de fraternidade e paz.

Jesus deseja que sejamos pessoas prontas a superar o individualismo, a acomodação, a administração egoísta dos bens, a tendência a fazer somente o que nos agrada pessoalmente. São Paulo chama essas atitudes de "desejos da carne" ou de "instintos egoístas". Sem perceber, podemos nos tornar escravos de coisas, de convenções, de aspirações que caracterizam o mundo pós-moderno. Corremos atrás do que a moda exige, mudamos constantemente de pensamento e de rumo, sob pretexto de realização pessoal. Há, porém, outro jeito de viver: sob a condução e a força do Espírito Santo. Ele nos torna livres para vivermos na simplicidade, na alegria de servir, na capacidade de amar como Jesus nos ensinou.

Podem-se lembrar as diversas vocações existentes na comunidade (e no mundo), seus serviços específicos e os frutos decorrentes da doação de tantas pessoas que respondem com generosidade ao chamado de Deus. vp

A BIOGRAFIA DO PAPA BENTO XVI JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!



O conteúdo da biografia é dividido em 6 partes:

- O jovem;
- O mestrando;
- O professor;
- Concílio;
- Roma;
- Epílogo – Papa emérito.

São 74 capítulos!

Mais do que um enfoque espiritual, a obra suscitará também uma provocação eclesial, política e histórica!

Confira!

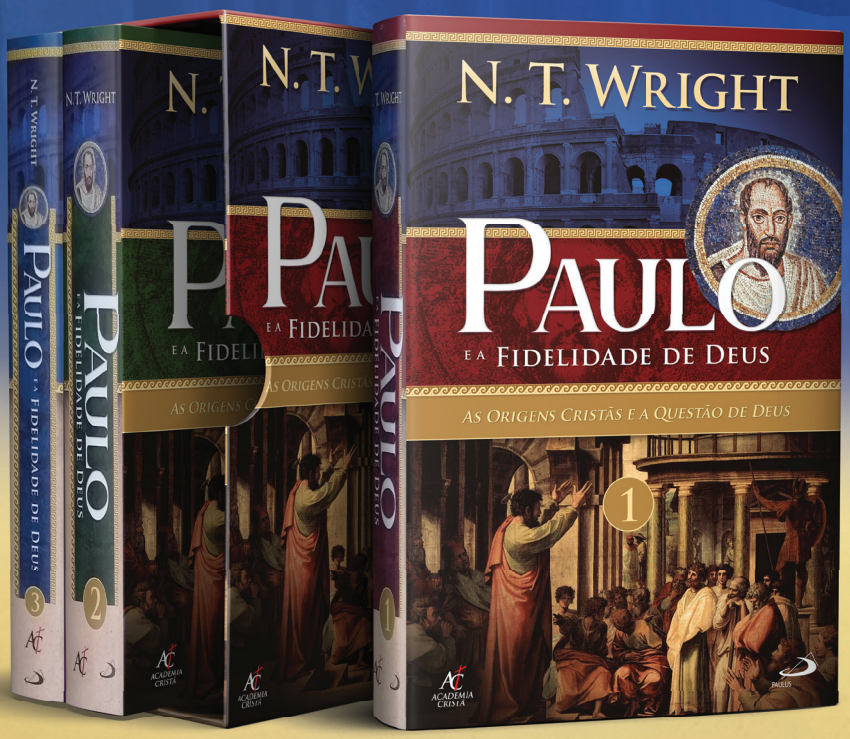
paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

PAULUS

PAULO E A FIDELIDADE DE DEUS

Uma parceria entre a PAULUS e a Academia Cristã!



A obra aborda importantes aspectos do pensamento paulino à luz das realidades nas quais o apóstolo viveu – judaísmo, cultura grega e civilização romana –, demonstrando a universalidade do apóstolo dos gentios.

- Paulo apóstolo é personagem que transcende as religiões, e os estudos sobre ele conseguem reunir as mais diversificadas denominações cristãs.
- N.T. Wright é um dos mais proeminentes biblistas da atualidade.

OBRA FUNDAMENTAL PARA PREGADORES DA PALAVRA DE DEUS!
CONFIRA!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Comunicação
para um mundo melhor

Aponte a câmera do celular e adquira o seu!

PAULUS